



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LAÍS OLIVEIRA

PAULO FRANCIS, UM CONSERVADOR-LIBERAL

**Juiz de Fora
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LAÍS OLIVEIRA

PAULO FRANCIS, UM CONSERVADOR-LIBERAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Cultura, Poder e Instituições, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Christiane Jalles de Paula

Co-orientador: Prof. Dr. Leonardo Andrada

**Juiz de Fora
2017**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Laís .

Paulo Francis, um conservador-liberal / Laís Oliveira. -- 2017.
89 p.

Orientadora: Christiane Jalles de Paula

Coorientadora: Leonardo Silva Andrada

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2017.

1. Paulo Francis. 2. Conservadorismo-liberal. 3. Democracia. I. Jalles de Paula, Christiane, orient. II. Silva Andrada, Leonardo, coorient. III. Título.

LAÍS OLIVEIRA

PAULO FRANCIS, UM CONSERVADOR LIBERAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Cultura, Poder e Instituições, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

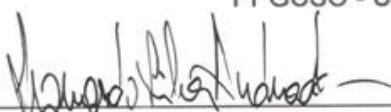
Aprovada em 17 de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Christiane Jalles de Paula (Orientadora)

PPGCSO - UFJF



Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada (Co-orientador)

PPGCSO - UFJF



Prof. Dr. Felipe Maia Guimarães da Silva (Membro Interno)

PPGCSO - UFJF



Prof. Dra. Gisele Silva Araújo (Membro Externo)

Departamento de Ciências Sociais - UNIRIO

Para o Artur e o Marcelo, pela lição de vida.

AGRADECIMENTOS

À Christiane Jalles de Paula, minha orientadora, sem a sua paciência e dedicação, nada disso teria deixado de ser um amontoado de impressões aleatórias recolhidas ao longo da minha difícil trajetória enquanto socióloga. A sua participação neste trabalho foi imprescindível e determinante.

À minha mãe Dona Maria das Graças, que ora me possibilitou os meios físicos, ora os meios espirituais para concluir esta jornada.

À memória de meu pai, pelo exemplo de vida e trabalho, e quem dias antes de falecer, pediu-me que estudasse a sociedade, para quem sabe ter os instrumentos capazes de transformar a história de outros tantos que como ele têm que lutar (mais) para sobreviver e mudar sua condição de homens pobres em recursos econômicos e culturais.

Ao meu marido Marcelo por dividir comigo todos os dias a dor e a delícia de sermos o que somos, e ao meu filho, Artur, a quem não tenho palavras para descrever a importância e felicidade que representa em minha vida.

Ao amigo Guilherme Rezende Landim, pela revisão cuidadosa do texto, conversas por telefone, pelos encontros, receitas, fotografias e artes trocadas.

Aos professores do Departamento de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, Rogéria Dutra, Rubem Barboza, Elizabeth Pissolato, meu muitíssimo obrigada, por terem fornecido todas as chances possíveis para que eu continuasse.

Aos professores Eduardo Salomão Condé e Raul Magalhães pelo aprendizado em sala de aula.

Ao professor Fernando Perlatto pela excelente troca de ideias e sugestões em minha banca de qualificação.

Aos professores Felipe Maia, Leonardo Andrada e Gisele Araújo pela leitura rigorosa e inteligente do texto, e por terem composto minha banca de dissertação. À eles são mais do que grata, e com imenso carinho.

À secretária Camila do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFJF, por todas as solicitações atendidas.

À Alexandre Batista por ter sido tão gentil em me enviar por e-mail a sua tese de Doutorado sobre Paulo Francis, sequer publicada.

Ao professor Leandro Lima, que também gentilmente me cedeu todas as cartas trocadas entre Francis e o crítico literário Alceu Amoroso Lima, tão bem transcritas por ele, e também ainda não publicadas.

À Carlos Augusto Bissón, outro estudioso de Paulo Francis tão simpático, que se tornou um amigo querido nas redes sociais.

A todos, agradeço por esta dissertação enfim, ter-se concluído.

“Um Estado onde não se pode mudar nada não tem meios de se conservar.”

Edmund Burke

“É preciso que as coisas mudem para que permaneçam como estão”.

Príncipe de Salina – personagem principal do filme “O Leopardo” de Luchino Visconti

RESUMO

Este estudo analisa uma parte do material produzido pelo jornalista Paulo Francis (Franz Paul Trannin da Matta Heilborn) no período de sua entrada para o jornal *Folha de São Paulo* (1975), passando por sua transferência para *O Estado de São Paulo* (1991) até o ano de sua morte em 1997. A escolha deste material se deu pelas opiniões emitidas pelo jornalista em torno de temas relacionados ao conservadorismo-liberal como liberdade, igualdade, meritocracia, propriedade privada, democracia e direitos às minorias. Constatou-se que, através de um deslocamento ideológico a partir da década de 1990, sobretudo, o jornalista se tornou um liberal em termos econômicos e políticos, mas conservador em termos éticos e sociais. Além disto, o aspecto conservador liberal de Paulo Francis é mostrado em três momentos da carreira do jornalista: I - na polêmica com atriz Tônia Carrero no final dos anos 1950, II - no período da redemocratização do Brasil (1979-1989) que é coincidente com a chegada das ideias neoliberais por aqui e, III - nos finais da década de 1990, período em que o jornalista sofreu a iminência de ser processado pelos diretores da Petrobrás.

Palavras-chave: Paulo Francis; conservadorismo-liberal; democracia.

ABSTRACT

This study analyzes a part of the material produced by journalist Paulo Francis (Franz Paul Trannin of Matta Heilborn) in the period of his entry for the newspaper *Folha de São Paulo* (1975), and his transfer to *O Estado de São Paulo* (1991) until the year of his death in 1997. The choice of this material was based on the opinions expressed by the journalist on issues related to liberal conservatism such as freedom, equality, meritocracy, private property, democracy and minority rights. It was reported that through an ideological shift from the 1990s, above all, the journalist became a liberal in economic and political terms, but conservative in ethical and social terms. In addition, the conservative-liberal aspect of Paulo Francis is shown in three moments of the journalist's career: I - in the controversy with actress Tonia Carrero in the late 1950s, II - in the period of the redemocratization of Brazil (1979-1989) that is coinciding with the arrival of neoliberal ideas around here, and III - in the late 1990s, when the journalist suffered the imminence of being sued by the directors of Petrobrás.

KeyWords: Paulo Francis; Liberal-conservatism; democracy

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DA “VILA” CARIOCA A ILHA DE MANHATTAN	28
1.1	VIDA E OBRA.....	28
2	CRÍTICA CULTURAL E A POLÊMICA COM A ATRIZ TÔNIA CARRERO	54
2.1	A CRÍTICA CULTURAL NOS ANOS 1950	54
3	CONSERVADORISMO, DEMOCRACIA E O HORROR ÀS MASSAS	64
3.1	TEMPOS DE “DIÁRIO DA CORTE”	65
3.2	A POLÊMICA COM OS DIRETORES DA PETROBRÁS	73
4	CONCLUSÃO	79
	REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

Franz Paul Trannin da Matta Heilborn, mais conhecido como Paulo Francis, foi um jornalista brasileiro que ficou bastante conhecido nas décadas de 1980-90 devido ao seu jeito único de falar com voz arrastada e inebriada, e que emitia “frases curtas em staccato, definitivas e cínicas”¹. Ao longo de seus quase 50 anos de carreira, Francis foi um jornalista que construiu um personagem de si mesmo, engraçado e caricatural, transformando-se no fim da vida na década de 1990 em um grande *show man* do jornalismo brasileiro. Este personagem era o polemista, contraditório, muitas vezes cínico² e virulento nos ataques a personalidades públicas, mas sempre ilustrado e bem informado, que nunca se posicionou bem e claramente em termos políticos e ideológicos. Como bem notou Eduardo Sterzi (2000) “se o Francis comunista podia ser escandalosamente elitista em seus gostos e posições, o Francis conservador também se mostrou eivado de um anarquismo insopitável”.³

Existem hoje disponíveis uma tese de doutorado, seis dissertações de mestrado (sendo uma que acabou virando livro de George Moura⁴), e textos publicados na internet que segundo a jornalista Sônica Nolasco, viúva de Francis, contabilizam “mais de 750 páginas na internet sobre o polemista.”⁵ Num primeiro momento este trabalho teve de ser elaborado a partir de uma síntese destes diversos estudos feitos sobre o jornalista Paulo Francis, e a minha principal preocupação foi trazer um ponto ainda inédito. Um destes estudos será agora mencionado, pois que levanta temas com os quais a pesquisa dialoga diretamente.

Alexandre Batista (2015) em tese de doutorado recente, ainda não publicada, narra a trajetória de Francis desde a sua fase trotskista na década de 1960 até sua fase mais conservadora nos anos 1990. Tal estudo conclui basicamente, que o jornalista, ao acompanhar um movimento da grande imprensa

¹ KUCINSKI, 2000

² Sobre este ponto há uma dissertação de Mestrado em Psicologia Social defendida na PUC-RS no ano de 1997, por Marcello de Oliveira Pereira. Segundo Alexandre Batista (2015) “o estudo enfatiza os aspectos do cinismo de Francis no período 1970-1997, comparando-o com características do cinismo presente no Mundo Antigo e Contemporâneo”. (p. 25)

³ STERZI, 2000, p.1.

⁴ MOURA, George. *Paulo Francis: O soldado Fanfarrão*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996

⁵ NOLASCO, Sonia *apud* PETRIK, 2006, p. 84

nacional da qual fez parte, alinhou-se progressivamente nas décadas de 1980 e 1990 à agenda “ultraliberal”⁶, transformando-se em definitivo nos anos 1990 num intelectual orgânico vulgarizador desta agenda no país.

Para Alexandre Batista (2015) conforme estudo de Francisco Fonseca em sua obra *O consenso forjado*⁷ “o ultraliberalismo começa a ser defendido hegemonicamente nos principais periódicos da imprensa brasileira em caráter uníssono a partir da segunda metade da década de 1980”.⁸ Segundo Batista (2015b) a conversão ideológica de Francis operada em meio às suas colunas no “Diário da Corte”, já na primeira metade da década de 1980, e “o início de sua condição orgânica em favor da construção de uma agenda ultraliberal para o país”⁹ será coincidente com a mesma alteração editorial da *Folha de São Paulo* pois:

até aquele momento (primeira metade da década de 1980), o jornal defendia um modelo de desenvolvimento capitalista próximo ao que se entende por “nacional-desenvolvimentismo”, bastante similar ao que Francis alimentava simpatias em suas posições pragmáticas desde que começou no jornalismo político. Essas posturas confluentes, possivelmente, integraram um grande redirecionamento das classes e frações de classe dominantes, refletidas pela grande mídia, como resposta à crescente crise econômica e política há tempos sentida no país, oriunda de fatores internos (aumento inflacionário, instabilidade social e econômica) e externos (crise do petróleo, ascensão de um neoconservadorismo nos países centrais do capitalismo mundial, descrédito e penalizações impostas pelos organismos internacionais aos países latino-americanos, etc.) que desgastaram a ditadura civil-militar e foram parte dos elementos causais que conduziram o país ao processo de transição do governo militar ao governo civil em meados dos anos 1980. (BATISTA, 2015b, p. 5)

O presente estudo concorda com este ponto, porém tentando ir mais fundo em questões que Batista não tratou como principais em seu estudo. Francis, após um movimento, que pode ser mais bem definido como de deslocamento e não de

⁶ Alexandre Batista (2015) prefere utilizar o termo ultraliberalismo no lugar de neoliberalismo, desta forma fazendo o mesmo que autores como Francisco Fonseca e Virgínia Fontes, pois para estes autores o termo neoliberal foi muito vulgarizado pela imprensa nacional e mais coloca dúvidas do que esclarece.

⁷ FONSECA, Francisco. *O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005

⁸ BATISTA, 2015, p. 15

⁹ *Idem*, 2015b, p. 5

conversão¹⁰ ideológica tornara-se em definitivo nos anos 1990 um comentarista, cronista dos tempos, mediador, articulista (um ou outro destes adjetivos o qualificam) que chamarei não de “ultraliberal”, mas de conservador-liberal, uma vez que os “economistas Mises, Hayek, Haberler, Fellner e Milton Friedman, no fim da década de 1950, estavam em ascensão como eruditos e conservadores na política americana”.¹¹ Segundo Robert Nisbet (1987) a partir da década de 1950, ocorrera nos EUA, um renascimento do pensamento conservador, que chegará ao seu ápice na década de 1980, e levará à presidência o primeiro presidente americano da história a se declarar orgulhosamente conservador, Ronald Reagan – contexto em que Francis esteve inserido a partir de 1971, quando se transferiu em definitivo para Nova York, e fora extremamente influenciado.

Nomes como o de Friedrich Hayek¹² – do qual segundo o biógrafo Daniel Piza (2004) o jornalista teria “devorado” *The Fatal Conceit: The Errors of Socialism*, livro publicado pela primeira vez em 1988 onde Hayek diz “que o erro fatal do socialismo foi supor que um grupo de pessoas no poder pudesse ter informação suficiente para fazer uma sociedade funcionar, produzir, sem perda de dinamismo”¹³ –, teriam “feito a cabeça” do jornalista, além dos neoconservadores surgidos nos anos 1960 como Daniel Bell¹⁴ - a quem Francis passa a ler e citar com frequência a partir do final da década de 1970 - e Daniel Patrick Moynihan¹⁵ – quem, segundo Francis em coluna n’*O Estado de São Paulo* no ano de 1996, o então senador Eduardo Suplicy não compreendia muito bem.

O principal ponto tocado por Batista (2015) é que Paulo Francis ao ingressar na grande imprensa paulista (o que ocorreu a partir de 1975 quando inicia seu trabalho na *Folha de São Paulo*) foi “continuamente transformando suas ideias até

¹⁰ A ideia de conversão sugere uma mudança abrupta, radical, o que não parece ter ocorrido com Francis de fato, uma vez que o jornalista mesclou durante toda vida posicionamentos ideológicos conflitantes, às vezes antagônicos.

¹¹ NISBET, 1987, p. 160

¹² “Friedrich August von Hayek (1899-1992) foi um dos mais influentes economistas do século passado. Foi professor na *London School of Economics* e na Universidade de Chicago, até aposentar-se na Universidade de Freiburg em 1968. Recebeu o prêmio Nobel em 1974.” Fonte: Instituto Ordem Livre. Disponível em: <http://ordemlivre.org/posts/por-que-nao-sou-conservador>

¹³ PIZA, 2004, p. 85

¹⁴ “Foi um pensador muito influente durante as décadas de 1960 e 1970, principalmente com obras sobre o pós-industrialismo e a tese do fim das ideologias. Sua obra, até hoje, representa um marco nas discussões em economia, sociologia e economia política”. (Fonte: Wikipedia)

¹⁵ “Foi um político e sociólogo americano, membro do Partido Democrata e um dos maiores autores neoliberais contemporâneos no final do século XX e início do século XXI.” (Fonte: Wikipedia)

converter seu viés ideológico de uma postura nacional-desenvolvimentista para liberal-conservadora”.¹⁶ Entretanto, o foco deste pesquisador é outro, para ele:

a questão contemporânea, envolvendo os intelectuais que reciclaram seu discurso em favor de uma crítica das esquerdas, atuando sob uma perspectiva liberal, conservadora ou social democrata será apenas apontada nesta Tese, mas não será objeto de uma reflexão mais aprofundada e detalhada. (BATISTA, 2015, p. 13)

Desta forma, o ponto que este trabalho aprofunda é justamente aquele deixado em aberto por Batista (2015). Através da análise do material jornalístico produzido por Paulo Francis a partir do seu ingresso na grande imprensa nacional (primeiro *Folha de São Paulo* e depois *O Estado de São Paulo*) constatou-se que o jornalista tornou-se pouco a pouco, com o passar dos anos, uma importante voz conservadora-liberal no Brasil. Primeiramente em meio às influências conservadoras norte-americanas de que se nutriu devido ao fato de estar no centro do neoliberalismo-conservador naquele momento, e em seguida devido ao contexto da redemocratização que é segundo Lidiane Friderichs (2016) coincidente com a chegada das ideias neoliberais no país, as quais segundo Batista (2015) o jornalista foi um ativo defensor.

Em outras palavras, esta pesquisa constatou que o jornalista foi uma importante voz conservadora-liberal dentro do jornalismo produzido pela grande mídia hegemônica nacional, porque analisou com ceticismo e descaso o movimento popular pelas “Diretas Já!” e a própria elaboração da Constituinte de 1988, o que será melhor explicitado no capítulo 3. Conservador liberal e não apenas neoliberal, porque ao mesmo tempo em que Francis defendia conservadoramente alguns valores e criticava, de maneira nem sempre clara e confessa, o alargamento de direitos sociais operado pela alcunhada “constituição cidadã”¹⁷, também promovia defesas do livre mercado e das liberdades públicas – defesas estas que faziam do jornalista um liberal nestes aspectos – ponto que será também mais detalhado ao final do capítulo 3, quando falarei um pouco da polêmica entre o jornalista e os diretores da Petrobrás.

Através da leitura de algumas colunas escritas pelo jornalista, tendo por base suas opiniões emitidas em temas relacionados ao conservadorismo e ao

¹⁶ BATISTA, 2015, p. 6

¹⁷ OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011, p. 6

liberalismo como liberdade, igualdade, meritocracia, propriedade privada, democracia e direitos às minorias, no período que vai da sua entrada para o jornal *Folha de São Paulo* em 1975 até a sua entrada em 1991 para o jornal *O Estado de São Paulo* e sua morte em 1997, constatou-se que havia no Paulo Francis conservador, principalmente, um “temor da mediocridade de massa da democracia”¹⁸, misturado a certo pavor da massificação cultural. Segundo Cesar Candiotti (2012), o próprio neoliberalismo “ao adotar as ideias de Hayek, sublinha a não interferência do estado nas questões econômicas e sociais e reduz a democracia somente a um meio desejável para a defesa da liberdade individual de produzir e consumir”.¹⁹

A partir da década de 1990, sobretudo, o jornalista vai deixando cada vez mais clara sua visão conservadora-liberal de mundo, como por exemplo, ao perceber “a individualidade e a sociedade de massas como dois lados de uma mesma e falsa moeda.”²⁰ – um ponto muito sustentado por conservadores e conservadores-liberais segundo Andrew Vicent (1995). Assim escreve Francis sobre o *Apartheid* racial na África do Sul – com uma ideia muito parecida a de um conservador como Joseph de Maistre²¹ para quem “a ideia de sociedade de massas como a de indivíduos atomizados não é expressiva”.²²

Não se devem segregar pessoas racialmente. Mas com toda a franqueza eu não quero que os *crioulos* tomem o poder na África do Sul. [...] Por que não há em primeiro lugar, negros, essa generalização sem sentido algum e sem individualizar ninguém. (FRANCIS, FSP, 03.02.1990)

Farei aqui um breve parêntese para definir historicamente e conceitualmente o tipo de conservadorismo-liberal que mais influenciara e define o jornalista Paulo Francis.

¹⁸ VICENT, 1995, p. 86

¹⁹ CANDIOTTO, 2012, p. 155

²⁰ VICENT, *op. cit.*, p. 78.

²¹ Foi um escritor, filósofo, diplomata e advogado. Foi um dos proponentes mais influentes do pensamento contrarrevolucionário no período imediatamente seguinte à Revolução Francesa de 1789. (Fonte: Wikipedia)

²² VICENT, 1995, p. 78

As origens e o significado do conservadorismo-liberal

Há certo consenso com relação à dificuldade existente para se definir o que é liberalismo e conservadorismo, e inclusive a diferença entre ambos, uma vez que os dois conceitos tiveram seu significado bastante modificado ao longo da história. Sem contar a diferença histórica dos termos conservador liberal e liberal conservador. Por ora decidir tratar Paulo Francis por um conservador-liberal. Acredito que conservador liberal, porque defesas conservadoras mescladas a defesas liberais foram uma constante em seu pensamento – embora Francis não possa ser considerado um teórico de fato, pois não produziu nada de original nestes termos – porém o polo do conservadorismo pesando sempre mais.

Ao que tudo indica o jornalista Paulo Francis portava um tipo de conservadorismo que via com desconfiança a presença das massas na democracia e na cultura, misturado a defesas “liberais-clássicas” em temas como liberdade e religião, e “neoliberais” em temas como defesa da propriedade privada e o livre-mercado. De maneira pragmática, cética e oportuna, o jornalista também se colocava extremamente contrário à presença da burocracia e do Estado, principalmente na resolução dos assuntos da esfera individual e na promoção dos direitos sociais²³ às minorias. Em resumo, Francis se tornou, de maneira definitiva a partir da década de 1990, um liberal em termos econômicos e políticos, mas conservador em termos éticos e sociais. Segundo o jornalista Bernardo Kucinski²⁴:

O racismo de Paulo Francis atingiu povos mediterrâneos, negros e pobres de todos os tipos. Nordestinos. Tinha um forte conteúdo anglosaxônico, ou talvez calvinista. “Os

²³ “Os direitos sociais são aqueles que têm por objetivo garantir aos indivíduos condições materiais tidas como imprescindíveis para o pleno gozo dos seus direitos. [...] Na sua grande maioria, os direitos sociais dependem de uma atuação do Estado, razão pela qual grande parte dessas normas é de eficácia limitada. Ainda, valem como pressupostos do gozo dos direitos individuais na medida em que cria condições materiais mais propícias ao aferimento da igualdade real, o que, por sua vez, proporciona condição mais compatível com o exercício efetivo da liberdade”. (PESSOA, Eudes Andre. *A Constituição Federal e os Direitos Sociais Básicos ao Cidadão Brasileiro*. IN: **AMBITO JURÍDICO**, Rio Grande, 06 de Junho de 2017. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9623. Acesso em: 06 de junho de 2017.

²⁴ O texto de Kucinski foi lido *on-line*, mas é parte de um livro organizado por Ligia Chiappini, a saber, KUCINSKI, Bernardo. *O método Paulo Francis*. In: Brasil país do passado? Ligia Chiappini. (Org.), São Paulo Edusp/Boitempo, 2000; p. 276-285. Disponível em: http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=407. Acesso em: 16 de junho de 2017

portugas são mestres do ócio e da burrice”, disse dos portugueses. “Raça que... se não fazia jus a um forno crematório, certamente mereceria uma lixeira.”(...) “Deixei (que os japoneses me apertassem a mão) mas com leve repulsa.” (...) “É pouco provável que um filho do Nordeste, região mais pobre do país, vergonha nacional, saiba alguma coisa, pois vive no século XVI”. Em junho de 1994, descreveu o senador Ronaldo Aragão como um... mulato, feijão mulatinho... que parece descender do macaco certo (isto é, não de Lula). (JORGE, Fernando, 1996 *apud* KUCINSKI, 2000)

Categorias do pensamento político como liberalismo e conservadorismo servindo de adjetivos a indivíduos que as portam, acabam se tornando algo impreciso, fluido e limitador senão forem contextualizadas devidamente. Os indivíduos, ao portarem estas categorias, adaptam-nas a contextos e situações muito específicos, sem contar que, se tratando de termos políticos, é muito frequente que as palavras que hoje são usadas com um sentido tal, historicamente em sua origem carregavam outro que inclusive anula seu sentido atual. Ricardo Pinto (2001) em estudo sobre o *neorepublicanismo* mostra como a palavra República “expressou e ainda expressa sentidos diversos e, por vezes, contraditórios.”²⁵ O mesmo acontece com o liberalismo que Segundo Wanderley Guilherme dos Santos (1998) é hoje “um termo vago. Como liberal alguém pode ser considerado altamente progressista e também por liberal alguém pode ser muitas vezes visto como inabalável conservador”.²⁶ Para Merquior (1991) há na verdade uma “impressionante variedade dos liberalismos: há vários tipos históricos de credo liberal, e não menos significantes, várias espécies de discurso liberal”.²⁷

Mannheim (1981) diz que o conservadorismo político enquanto algo consciente e reflexivo embora tendo uma origem específica, não pode ser tomado como algo “eterno e universalmente válido”²⁸, na verdade estando sempre “estritamente ligado à experiência e ao destino de grupos humanos concretos, sendo de fato produto de tais grupos.”²⁹ Acredito que o mesmo possa a seguir se aplicar ao liberalismo:

As pessoas conhecem e agem de modo conservador na medida em que, se incorporam a uma das fases de

²⁵ PINTO, 2001, p. 465

²⁶ SANTOS, 1998, p. 11

²⁷ MERQUIOR, 1991, p. 221

²⁸ *Ibidem*, p. 101

²⁹ *Ibidem*, p. 104

desenvolvimento dessa estrutura mental objetiva e se comportam em termos de tal estrutura, simplesmente reproduzindo-a no total ou em parte ou desenvolvendo-a mais além por adaptação a situações concretas particulares. (MANNHEIM, 1981, p. 105)

Para Allan Johnson, em seu Dicionário de Sociologia (1997):

O liberalismo tem suas origens no Iluminismo europeu e no conflito entre os empreendedores capitalistas do mercado livre e a aristocracia feudal fortemente enraizada. Baseia-se em um compromisso com a liberdade do indivíduo. (JOHNSON, 1997, p. 51)

O liberalismo clássico ou *protoliberalismo*, na definição de Merquior (1991) surgiu como um conjunto de ideias éticas, políticas e econômicas da burguesia em oposição à visão de mundo da nobreza feudal. À burguesia interessava separar Estado e sociedade, entendendo nesta última o conjunto das atividades particulares dos indivíduos, sobretudo as de natureza econômica. Essa separação reduziria igualmente a interferência do privado no público, já que o poder político procurava outra fonte de legitimidade diferente da tradição e das linhagens de nobreza.

Os liberais clássicos (de Locke e Montesquieu aos federalistas americanos, e de Benjamin Constant a Tocqueville e John Stuart Mill), tomados em conjunto, deram duas contribuições decisivas ao desenvolvimento do pensamento liberal. Em primeiro lugar, fundiram traços liberais numa advocacia coerente da ordem social-liberal secular que estava então tomando forma nos governos representativos da época. Em segundo lugar, introduziram e desenvolveram dois outros temas de pensamento liberal: democracia e *libertarianismo*. (MERQUIOR, 1991, p. 66)

Já o conservadorismo pode ter dois sentidos diversos. O seu emprego mais técnico e costumeiro evoca a ideia de conservar ou “manter algo intacto. Esta ideia tem sido datada do século XIV. Autores como Russel Kirk³⁰ e Robert Nisbet, enfatizam sua origem medieval.”³¹ Já o seu sentido político “é geralmente datado de depois da Revolução Francesa³²”, e os acontecimentos que geraram na França as

³⁰ Russel Kirk é um nome importante do conservadorismo americano tendo escrito um livro referência no assunto: *The Conservative Mind*. Segundo Robert Nisbet (1987) o livro à época de seu lançamento deu um prestígio erudito ao conservadorismo na Inglaterra e EUA, tendo sido assunto de primeira página da revista *Time*.

³¹ VICENT, 1995, p 65

³² *Ibidem*

famosas reflexões de Edmund Burke publicadas em 1790 sob o título de *Reflections on the Revolution in France*³³.

Segundo Allan Jonhson em seu Dicionário de Sociologia (1997):

Como ideologia política o conservadorismo surgiu principalmente como reação à Revolução Francesa. Em *Reflections on the Revolution in France* Edmund Burke argumentou que o *status quo* era sempre preferível a uma alternativa que existia principalmente apenas como teoria, o que, na época em que escrevia, era verdade quanto à democracia como forma de governo. A mudança, se é que devia ocorrer, melhor seria que acontecesse devagar e como ampliação lógica da ordem natural das coisas, e não como uma mudança revolucionária de direção. O conservadorismo baseia-se em uma opinião um tanto pessimista da natureza humana, vista como basicamente má, irracional e violenta, se deixada a seus próprios meios. A única maneira de controlar esse potencial destrutivo consiste em impor rígidos códigos morais através de fortes tradições, instituições sociais e uma sociedade hierárquica governada por elites, cujo poder repousa em sua superioridade inerente e na propriedade privada, herdada através de gerações. Isso implica que a desigualdade social é inevitável e, na verdade, necessária para manter a sociedade. (JOHNSON, 1997, p. 51)

Esta definição de conservadorismo pode ser chamada de definição clássica do conservadorismo de estilo europeu. Segundo o autor que faz nota introdutória ao texto de Friedrich Hayek, *Por que não sou conservador*,³⁴ no site do Instituto Ludwig Von Mises Brasil³⁵:

o conservadorismo de estilo europeu, ao contrário do americano, **não tem raízes no liberalismo clássico**. Pela luz da história, os legítimos conservadores europeus foram os contra-revolucionários franceses, o antigo partido *Tory* inglês e seu

³³ Edmund Burke foi um estadista irlandês, membro do parlamento londrino pelo Partido *Whig*. Suas reflexões foram feitas a um correspondente seu na França em forma de carta, e posteriormente publicada sob a forma de livro em 1790. O texto fora escrito, “imediatamente após o desencadeamento do processo revolucionário jacobino, sendo traduzido e disseminado rapidamente em francês, alemão, italiano e espanhol. Há relativo consenso, no debate sobre o pensamento social e político fundado na modernidade, quanto às *Reflexões sobre a revolução na França* de Edmund Burke, constituírem-se como ponto de partida do conservadorismo clássico. Manifesto dos interesses políticos e econômicos aristocráticos, as *Reflexões* se estabelecem como o marco da tradição conservadora. Nelas, estão condensados também os ideais culturais e simbólicos das classes sociais golpeadas pela Revolução Francesa, com destaque para a aristocracia feudal”. (SOUZA, 2016, p. 362)

³⁴ HAYEK, Friedrich A. *Por que não sou conservador*. IN: **MISES BRASIL** (INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL), 2016. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>. Acesso em: 23 de maio de 2017

³⁵ Em seu site, o Instituto é definido como “uma associação voltada à produção e à disseminação de estudos econômicos e de ciências sociais que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre.” (Disponível em: <http://www.mises.org.br/About.aspx>. Acesso em: 23 de maio de 2017)

filhote, a conhecida "Democracia-cristã", tão representada pelos partidos de direita na Europa. De um modo simplificado, suas defesas se baseiam razoavelmente em nacionalismo, corporativismo, estado assistencialista, estado moralizador, e nuances do tipo. São posições que vêm desde os fins das monarquias absolutistas. (HAYEK, 2017, com grifo meu. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>).

Para Karl Mannheim³⁶ (1981) este conservadorismo³⁷ é um *estilo*³⁸ de pensamento consciente e reflexivo “produto de circunstâncias históricas e sociais particulares e que tem suas tradições, forma e estrutura próprias [...] dependendo sempre de um conjunto concreto de circunstâncias.”³⁹ Trata-se de uma maneira de ver o mundo e as coisas surgidas no bojo dos acontecimentos⁴⁰ que deram origem ao chamado mundo Moderno e, que “surge como um movimento em oposição ao movimento progressista altamente organizado, coerente e sistemático”⁴¹ da burguesia racional e capitalista.

Nota-se que existem muitas diferenças de tom e circunstância do pensamento conservador nos diferentes países. Nos EUA – país em que a história do conservadorismo interessa mais para este trabalho, pois que o jornalista Paulo Francis fora bastante influenciado pelos seus contornos na década de 1980-90 – segundo Robert Nisbet (1987) conservador e conservadorismo nunca foram conceitos:

³⁶ A sociologia do conhecimento, disciplina fundada por Karl Mannheim, se aplica a compreender os intrincados mecanismos entre pensamento e situação social. Para este autor, “a história do pensamento não é uma mera história das ideias, mas uma análise de diferentes estilos de pensamento enquanto crescem e se desenvolvem, fundem-se e desaparecem; e a chave para a compreensão das mudanças nas ideias deve ser encontrada nas circunstâncias sociais em mudança, principalmente no destino dos grupos ou classes sociais que são os “portadores” desses estilos de pensamento”. (MANNHEIM, 1981, p. 78)

³⁷ Além disto, o conservadorismo enquanto produto reflexivo e consciente é completamente diferente do mero tradicionalismo – conceito retirado por Mannheim do pensamento de Max Weber. O tradicionalismo significa um conservadorismo natural: “uma tendência a se apegar a padrões vegetativos, a velhas formas de vida que podemos considerar razoavelmente universais e onipresentes. A palavra designa em grau maior ou menor a característica psicológica formal de toda mente individual. O conservadorismo seria em última análise o tradicionalismo tornado consciente [...] devido ao caráter dinâmico do mundo moderno (só existente, portanto neste mundo)”. (MANNHEIM, 1981, p. 110)

³⁸ Mannheim acredita que o pensamento humano também se desenvolve por “estilos”, como definido pela história da arte. Para ele há diferentes escolas de pensamento distinguíveis pelos diferentes modos como foram utilizados padrões e categorias de pensamento. Assim deve ser perfeitamente possível situar um texto anônimo como se situa uma obra de arte anônima, se nós apenas nos dermos ao trabalho de reconstruir os diferentes estilos de uma determinada época e suas variações de indivíduo para indivíduo. (MANNHEIM, 1981, p. 79-80)

³⁹ MANNHEIM, 1981, p. 11

⁴⁰ O principal deles certamente foi a Revolução Francesa.

⁴¹ MANNHEIM, *op. cit.*, p. 11

especialmente populares como na Grã-Bretanha, que tinha um Partido Conservador pronto a sancionar as aspirações conservadoras, a América tinha apenas os seus dois grandes partidos e uma coleção de partidos inconsequentes de movimentos constituídos à volta de interesses especiais. Em nenhum destes figuravam os conservadores. (NISBET, 1987, p. 156)

Novamente segundo o autor, que faz nota introdutória ao texto de Friedrich Hayek no site do Instituto Ludwig Von Mises Brasil:

O chamado "conservadorismo anglo-saxônico", em especial o surgido nos EUA com a "Old Right", nada tem de conservador (sob a visão europeia). Esse conservadorismo americano se baseava na liberdade individual, na defesa da vida e da propriedade, na liberdade de empreendimento e de comércio. Trata-se da essência da ideia de conservação da liberdade, ideia essa oriunda diretamente do liberalismo clássico. Em suma, ao contrário da Europa, nunca houve um conservadorismo de raiz nos EUA. **Os verdadeiros conservadores — no sentido americano, e não no europeu — sempre foram os liberais clássicos.** (HAYEK, 2017, com grifo meu. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>).

Estes conservadores americanos, que no sentido europeu de conservadorismo são apenas liberais desejosos de conservar a liberdade, segundo este autor:

nunca defenderam a intromissão na vida alheia. Eles, por exemplo, são moralmente contra o uso de drogas e contra a homossexualidade, mas sempre se opuseram veementemente a qualquer tentativa do governo de moldar a sociedade, pois sabem que as consequências que isso gera são ainda piores do que qualquer vício (algo que, em última instância, é um problema apenas individual). Genuínos conservadores (americanos) defendem que a melhor maneira de se resolver problemas é por meio do voluntarismo, da responsabilidade própria, da família, dos amigos e da igreja, e não por meio de um governo monolítico que miraculosamente fará com que o indivíduo passe a cuidar de si próprio e se torne uma pessoa melhor. Conservadores genuínos sabem que o governo não pode fazer com que o indivíduo se aprume e passe a seguir bons hábitos. [...] O conservadorismo genuíno possui uma de suas raízes na chamada "Old Right" americana, a qual não era de raiz conservadora mas sim libertária. A "Old Right" era um movimento liderado por pessoas que passaram a ser desdenhosamente chamadas de isolacionistas, simplesmente

porque se recusavam a aceitar que o estado se intrometesse em outros países. Essas mesmas pessoas também nunca aceitaram que o estado se intrometesse na vida do indivíduo dando-lhes ordens sobre como deveriam viver. Elas acreditavam que a família e a religião é que deveriam ser o norte da vida de cada indivíduo, e não os burocratas do estado. Sua base era o liberalismo clássico. (HAYEK, 2017. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>)

Como definiu Friedrich Hayek em seu famoso texto *Por que não sou conservador*⁴², “verdadeiros” liberais como ele Hayek, ao resistirem à invasão da esfera da liberdade individual propagada pelos movimentos progressistas, se colocam, à primeira vista, lado a lado com os conservadores resistentes às mudanças. As defesas do jornalista Paulo Francis além de se assemelharem muito a esta afirmação de Hayek, se assemelham também ao conservadorismo de outro importante nome, Michel Oakeshott⁴³, autor que estabelece não uma crença nem uma doutrina, mas uma forma de ser e de estar onde ser conservador é ser contrário tanto às mudanças quanto à presença do Estado resolvendo os conflitos individuais. Para Oakeshott:

A função do governo consiste simplesmente em governar, não em impor outras crenças e atividades aos seus súditos. A imagem do governante deve a ser a de um árbitro cuja função consiste em aplicar as regras do jogo, ou a de um moderador que dirige um debate sem dele participar. [...] A principal e talvez a única atividade especificamente econômica de um governo deve ser a manutenção de uma moeda estável. (OAKESHOTT, 2014, p. 25)

Paulo Francis nas décadas de 1970-80, ao se tornar correspondente internacional em Nova York para o jornal *Folha de São Paulo*, tomou contato de um movimento de renascimento do conservadorismo americano que teve, segundo Robert Nisbet (1987), início quando da publicação de *Road to Serfdom (Caminho da*

⁴² HAYEK, Friedrich A. *Por que não sou conservador*. IN: **MISES BRASIL** (INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL), 2016. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>. Acesso em: 23 de maio de 2017

⁴³ “Michael Joseph Oakeshott (1901-1990) é considerado um dos mais importantes filósofos conservadores do século passado, embora seja um nome quase desconhecido no meio acadêmico brasileiro. [...] Sobre a contribuição de Oakeshott, Bhikhu Parekh considera sua obra uma proposta original em torno do conservadorismo, libertando-o das “tradicional amarras da religião, historicismo, moralismo, hierarquia social e nacionalismo, ao mesmo tempo em que o reedificava sobre uma epistemologia cética e uma teoria da identidade humana rigorosamente construída.” (MARCHIORI NETO; FERRI, 2015, p. 101-102)

Servidão) de Frederick Hayek em 1944⁴⁴ e chegou ao seu ápice na década de 1980 com a eleição de Ronald Reagan. Esta publicação de Hayek foi precedida de uma série de outras publicações conservadoras bem como da criação de institutos, centros de pesquisa e jornais conservadores. Para Nisbet, tudo isso havia sido uma proeza, pois na América o conservadorismo nunca havia sido algo popular, talvez devido a “fraqueza de uma tradição feudal, que impediu o país de produzir as nítidas divisões ideológicas que eram vulgares na Europa.”⁴⁵

Contudo, além de compartilhar das ideias emanadas do centro do neoliberalismo conservador em finais do século XX que fora a cidade de Nova York, Francis também compartilhou de ideias que vinham sendo difundidas desde o século XIX com relação à emergência das massas, podendo ter origem no pensamento de Alexis de Tocqueville – considerado, inclusive, um liberal clássico – passando por nomes como Benjamin Constant, James Madison, John Stuart Mill, Pareto, Shumpeter. A diferença é que estes autores vivenciaram um momento histórico completamente diferente, presenciaram o alvorecer da emergência das massas, enquanto Francis assistiu a consolidação e uma nova revolução da presença das massas a partir da segunda metade do século XX.

Para Andrew Vicent (1995) muitos autores sustentam que “o conservadorismo de espírito liberal surge de fato com Alexis de Tocqueville”⁴⁶, mas remonta ao livro *Thoughts and Details on Scarcity*⁴⁷ de Edmund Burke. Outra pesquisadora, Thais Aguiar (2011), acredita que Alexis de Tocqueville “foi um dos autores que melhor expressou no pensamento político”⁴⁸ uma sensibilidade de origem aristocrática que apreciava “uma disposição de coisas que a democracia tendia a dissolver”⁴⁹. A autora demonstra em estudo que alguns destes autores, citados acima, experimentaram “os tempos de ascensão revolucionária das massas e duvidaram da possibilidade das mesmas governarem. [...] A hipótese é que a teoria democrática se

⁴⁴ Segundo Robert Nisbet (1987) importante frisar que antes desta publicação já havia nomes importantes do conservadorismo americano como H.L Mencken e T. S. Eliot.

⁴⁵ NISBET, 1987, p. 156

⁴⁶ *Ibidem*, p. 77

⁴⁷ Este livro de Burke não tem tradução para o português até o momento. Foi escrito por Edmund Burke ao primeiro ministro da Grã-Bretanha, William Pitt e publicado postumamente em 1800. Cf. PREECE, Rod. *The Political Economy of Edmund Burke*. IN: **MODERN AGE: a conservative review**. Summer 1980 - Vol. 24, No. 3. Disponível em: https://isistatic.org/journal-archive/ma/24_03/preece.pdf. Acesso em: 05 de junho de 2017

⁴⁸ AGUIAR, 2011, p. 619

⁴⁹ *Ibidem*

reinventou na modernidade tendo em relevo o medo das massas”,⁵⁰ processo que dará o nome geral de “demofobia”.

José Guilherme Merquior (1991), ao tratar da inflexão conservadora sofrida pelo liberalismo clássico a partir do século XX, chega a uma conclusão semelhante. Para ele:

os primeiros liberais conservadores do século XX relutavam todos ou eram ambivalentes diante da democracia. [...] O resultado claro da inflexão conservadora da doutrina liberal, portanto, foi um recuo aberto ou interno, manifesto ou coberto da democracia liberal. (MERQUIOR, 1991, p. 150)

Segundo Merquior (1991) em meados do século XIX, “ocorrerá uma importante inflexão na teoria liberal, quando o medo da democracia levou muitos pensadores proeminentes a defenderem um liberalismo distintamente conservador”.⁵¹ Para este autor, o legado do liberalismo clássico “era um equilíbrio entre democracia e libertarianismo”.⁵² Porém, já no século XIX emergem várias correntes de pensamento que vão diferir dos clássicos e também dos desenvolvimentos:

tardios conhecidos como novo liberalismo e caracterizados por seu conteúdo social. Tais correntes, algumas das quais eram contemporâneas do último estágio do liberalismo clássico, podem ser reunidas sob um único rótulo racional: *liberalismo-conservador*. (MERQUIOR, 1991, p. 109)

Nesse liberalismo conservador as tradições não impendem a mudança adaptativa e o organicismo não exclui a modificação parcelada das instituições e procedimentos. Edmund Burke, considerado o pai desta forma de pensamento (como também do próprio conservadorismo), tinha um respeito pela tradição nem sempre reacionário “recorrendo ao mesmo argumento em favor dos velhos direitos”.⁵³ O conservadorismo de Burke, segundo Merquior, era politicamente liberal e também economicamente moderno. O próprio Adam Smith o elogiou “por sua perfeita compreensão da economia liberal”.⁵⁴

Em resumo, as teorias do liberalismo clássico desdobraram-se numa série de discursos conceituais que progrediram do chamado *whiguismo* – que apenas

⁵⁰ AGUIAR, 2011, p. 619

⁵¹ MERQUIOR, 1991, p. 149

⁵² *Ibidem*

⁵³ *Ibidem*, p. 111

⁵⁴ MERQUIOR, 1991, p. 111

exigia liberdade religiosa e governo constitucional – para a defesa da “democracia ou autonomia com uma ampla base social.”⁵⁵ Porém “desde cerca de 1830 a 1930 liberais conservadores como Max Weber ou o espanhol José Ortega y Gasset procuraram geralmente retardar a democratização da política liberal assinalando um regresso a posições *whig*”.⁵⁶

Para Andrew Vicent (1995) nos anos pós-segunda Guerra Mundial o conservadorismo liberal “centra suas críticas no domínio do setor público, nos programas estatais e de previdência, atacando o crescimento do Estado, almejando a desregulamentação e a privatização”.⁵⁷ Para este autor provavelmente o mais famoso dos grupos intelectuais de uma certa tradição do conservadorismo liberal é a sociedade *Mont Pelérin* chefiada por Frederick Hayek em 1947. Esta sociedade:

reuniu uma série de intelectuais das áreas de economia, filosofia e história, na cidade de Mont Pelerin (Suíça) para discutir o destino do liberalismo e fomentar um espaço de debates e produção em torno do que consideravam os perigos da sociedade da época e apresentar as propostas de superação desses males a partir da aplicação das doutrinas (neo)liberais. (FRIDERICH, 2016, p. 113)

Mas o termo neoliberalismo foi de fato cunhado um pouco antes e numa outra reunião, esta no ano de 1938, em Paris. Entre os participantes:

estavam os dois homens que definiriam a ideologia, Ludwig von Mises e Friedrich Hayek. Ambos exilados da Áustria, eles consideraram a social democracia, caracterizada pelo *New Deal* de Franklin Roosevelt e o desenvolvimento gradual do Estado de bem-estar social da Grã Bretanha, como manifestações de um coletivismo que ocupava o mesmo espectro do nazismo e do comunismo. (MONBIOT, 2016. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/para-compreender-o-neoliberalismo-alem-dos-cliches/>)

Estas ideias entusiasmaram desde cedo milionários e suas fundações, que são os principais financiadores do esforço de formulação do projeto neoliberal segundo o jornalista do jornal britânico *The Guardian*, George Monbiot (2016).

⁵⁵ *Ibidem*, p. 149.

⁵⁶ O termo *Whig* era o partido que reunia as tendências liberais no Reino Unido e contrapunha-se ao partido *Tory* de linha conservadora. (Fonte: Wikipédia)

⁵⁷ VICENT, 1995, p. 75

Desta forma, termino por tentar fazer uma contextualização dos conceitos de conservadorismo e liberalismo que definem o jornalista Paulo Francis. Acredito que o jornalista tenha sido influenciado por estes dois movimentos, o da inflexão liberal do conservadorismo que resultou na defesa do livre mercado e da não intervenção Estatal, e o movimento da inflexão conservadora do liberalismo que resultou no medo da democracia. Por fim resta dizer que o jornalista Paulo Francis embora liberal possuía um lado conservador com uma origem longínqua em Edmund Burke, que terminou “por minar o próprio âmago da ética liberal”.⁵⁸.

⁵⁸ MERQUIOR, 1991, p. 194-195

1 DA “VILA” CARIOCA À ILHA DE MANHATTAN

Francis não latia, nem mordía. [...] Era solitário. Ligava de madrugada e começava a falar. Falava sem parar por uma hora, discorria sobre o mundo, o Brasil, como se estivesse testando o que escreveria depois. (SÁ, Nelson de)

A imagem pública de ‘lobo hidrófobo’ não combinava com o Paulo Francis no trato pessoal: um gentleman. (MORAES NETO, Geneton)

Neste item farei primeiramente uma síntese da biografia do jornalista Paulo Francis tendo por principais fontes dois livros, um escrito pelo jornalista Daniel Piza, *Paulo Francis: Brasil na Cabeça* em sua segunda edição publicada em 2004 e outro do jornalista Paulo Eduardo Nogueira, *Paulo Francis: Polemista Profissional* publicado em 2010, além do livro de memórias escrito pelo próprio Paulo Francis no ano de 1980 *O afeto que se encerra*.

1.1 Vida e obra

Franz Paul Trannin da Matta Heilborn nasceu na década de 1930 no Rio de Janeiro num ambiente confortável de classe média. O pai trabalhara nos anos 1920 na empresa ESSO nos EUA e ganhava bem, mantendo a família em conforto. O ambiente familiar em que cresceu é o típico burguês, com um determinado capital social e econômico herdados por parte do avô paterno, Paul Heilborn, que viera ao Brasil trabalhar em alto cargo na empresa Teordorville no Rio de Janeiro. Por conta deste acompanhou em casa alguns costumes típicos alemães como aos domingos jantar frios, pão preto e cerveja. Também Francis se desenvolveu num ambiente familiar frio e ríspido, supostamente por conta dessa veia germânica.

Ele próprio cita que pelo nome e biótipo, criaram-se mitos em torno de sua ascendência, sendo considerado austríaco e israelita. Do lado paterno, seu avô, Paul Heilborn, era

alemão. Embora com pouco sotaque ao falar português, sempre se manteve um germânico na cultura brasileira, fazendo com que filhos e descendentes nunca viessem a se sentir “merros brasileiros”. A mãe era de origem francesa, de uma família que migrara para o interior do Rio de Janeiro, com dificuldades semelhantes na aculturação. Nas memórias, Francis dá a entender que, embora sua principal preocupação como jornalista e até ficcionista fosse, de forma patriótica, o desenvolvimento do país, era um estrangeiro nascido no Brasil. Mesmo assim, dizia: “Sou mesmo é um dos remanescentes dessa espécie quase extinta, o carioca” (1980; p.34). Ou seja, mesmo que se considerasse brasileiro, pertencia a um tipo já não existente mais, sem perder a auto-imagem de “estranho no ninho”. (PETRIK, 2006, p. 54)

Já o casamento de seus pais é descrito por Francis em seu livro de memórias *O Afeto que se encerra* (1980) como infeliz e moralmente falido. Seu pai Adolpho Luiz Heilborn era “tímido e instável”⁵⁹ e a mãe Irene Trannin Heilborn (de descendência francesa) que ficara órfã ainda criança, às vezes chorava em silêncio na companhia de Francis, o seu filho preferido, dizendo: “ – Como sou infeliz!”⁶⁰. Francis contava ainda 14 anos⁶¹ quando Irene faleceu por conta de complicações posteriores ao nascimento do filho caçula Paulo Gustavo. E a sua morte repentina deixara sequelas tanto em Francis como no pai, que “perdeu o rumo, se consolou na Ciência Cristã e passou os anos seguintes com tristezas e problemas financeiros”⁶².

O próprio Francis admite que ele e os irmãos nunca tiveram do que reclamar em termos materiais: moraram sempre em conforto, estudaram nos melhores colégios e viajaram cedo ao exterior, porém mais tarde na adolescência reagiria ao trauma da perda repentina da mãe, como forma de superar sua angústia e frustração, vivendo “sem compromisso fixo com mulheres, bebendo e se drogando quase toda noite”.⁶³

No início da década de 1950 Francis contava seus vinte poucos anos e por essa época entrou na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil – hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – porém “mal ia às aulas (e não

⁵⁹ PIZA, 2004, p. 50

⁶⁰ FRANCIS, 1980, p. 36

⁶¹ Foi por esta época que leu *Crime e Castigo* de Dostoiévski o que segundo ele próprio foi o estopim de sua vida intelectual.

⁶² Piza, 2004, p. 52

⁶³ *Ibidem*, p. 40

chegou a concluir esta faculdade). Preferia passar o dia lendo, e de noite (frequentar) as ruas e os bares”.⁶⁴

Pode-se dizer que Francis tem dois traumas em sua vida. Um de quando da morte de sua mãe e outro simbólico aos 7 anos de idade quando foi separado dela pela primeira vez em seu primeiro internato no colégio São Bento comandado por padres da ordem Beneditina. Os dois traumas mostram o quão importante foi a figura materna na sua formação afetiva e emocional.

Até o primeiro internato Francis era um menino completa e totalmente amado e bajulado pela mãe. Porém, ali junto do irmão mais velho Fred Heilborn, teve que conviver socialmente pela primeira vez com os seus mais variados *handicaps* e Francis tinha muitos: semi-gagueira (impustção natral⁶⁵), estrabismo, hipermetropia e astigmatismo, desengonçado esteticamente a partir dos 11 anos e alcunhado por muitos durante boa parte da infância de “bicha”, “viado”. Dá para imaginar o quão difícil foi para ele se adaptar àquela vida nova de “perigos” por todos os lados vindos dos colegas que frequentemente praticavam uns aos outros assédios sexuais noturnos ou dos padres que castigavam os alunos com vara de marmelo ou os faziam ajoelhar, de castigo, por horas. À medida que os anos foram se passando Francis deixou de ser um menino tímido, dócil e certinho que era nos tempos de atenção e convívio integral com a mãe para se tornar um pré-adolescente frio e crítico, impiedoso e briguento⁶⁶ características que levaria até a vida adulta principalmente em seus momentos mais polêmicos como jornalista.

Um processo lugar comum daquilo que ele mesmo chamou de falência moral da burguesia foi a sua juventude, marcada por brigas de turma em Copacabana até certo ponto violentas, regada a drogas como “cantáridas” e muito álcool, orgias e “desvirginação” de moças de família. Uma adolescência desvirtuada e delinquente, resultado dos anos vividos no internato Santo Inácio, o outro internato que frequentou durante a adolescência propriamente dita, comandado por Jesuítas – piores segundo Francis em comparação aos padres do colégio São Bento – e também, não podemos esquecer, da boa condição financeira do pai que financiava

⁶⁴ PIZA, 2004, p. 53, com inclusões minhas entre parênteses

⁶⁵ Segundo Francis (1980) diagnosticada quando de sua entrada para o teatro.

⁶⁶ Cf. FRANCIS, 1980, principalmente o capítulo 2 e 4

as “farras” do filho generosa e pacientemente, enquanto este não tinha compromisso de qualquer espécie.⁶⁷

As farras da adolescência típico-burguesa só tiveram um quase completo final quando o pai já cansado sugeriu ao Francis que se apresentasse à empresa de aviação *Panair do Brasil* – então a mais famosa empresa aérea do mundo – onde possuía amigos na direção. Ele faz um teste de QI e inglês, é aprovado e começa a trabalhar. Mas seus interesses eram outros e uma noite ele vai ver a ópera *Boris Godunov* no Teatro Municipal e acorda com as calças no joelho, provavelmente porque dormira extremamente bêbado. Segundo o próprio Francis, vai até a máquina de escrever e datilografa uma carta de demissão em caráter irrevogável.

É quando não sabendo para onde ir nem o que fazer e, sofrendo algum tipo de pressão por parte do pai, Francis entra para a companhia de teatro amador de Paschoal Carlos Magno, o Teatro do Estudante, ao lado de seu amigo de orgias e farras Marcelo Aguinaga e participa de um período em que o grupo excursiona pelo norte e nordeste do país.⁶⁸

Foi no Teatro do Estudante que nasceu Paulo Francis – nome sugerido por Paschoal Carlos Magno⁶⁹ que achava o nome verdadeiro de Franz Paul Heilborn Trannin impronunciável nas estreias teatrais. E a viagem que fez com o grupo excursionando pelo Brasil afora transformou completamente sua visão que era basicamente a do ninho cultural elitizado em que vivia no Rio de Janeiro. No interior do país “as mulheres se ofereciam ao bel prazer dos artistas, os homens se bajulavam e o grupo teatral bebia muito”.⁷⁰ É desta época o episódio em que Francis

⁶⁷ Cf. FRANCIS, 1980, principalmente o capítulo 2 e 4

⁶⁸ Não há muitos detalhes sobre a vida de Francis propriamente dita em o *Afeto que se encerra*. A relação com o pai por exemplo, é muitíssimo pouco esclarecida. Somente algumas frases como “Adolpho talvez, não me notasse direito, enfiado na própria imaginação e a nova mulher Lourdes, que sem a timidez de Irene dava-lhe carinho, solicitude e calma” (p. 93) Muito do livro é na verdade gasto com divagações e sínteses intelectuais principalmente sobre Marx, depois golpe de 1964 no Brasil, Revolução Russa, Trotsky e Lênin e autores de literatura (há páginas e páginas sobre estes assuntos).

⁶⁹ Considerado um promotor direto do moderno Teatro Brasileiro (TE), Francis desmente Paschoal em várias passagens do seu livro de memórias, *O Afeto que se encerra* (1980). Segundo ele, os ensaios (dentro do TE) eram muito amadores, ninguém entendia nada das peças incluindo o próprio Paschoal e excluindo Francis que havia lido praticamente todas as traduções. A melhor peça encenada foi *Romeu e Julieta* de Shakespeare, porque acabou se tornando esculhambada, quase virando ao final das últimas apresentações uma comédia improvisada. Além disso, Paschoal que também escrevia críticas teatrais no *Correio da Manhã* confienciara a Francis que dormia na exibição das peças que depois iria comentar no jornal, e no fundo, para espanto de Francis, não estava muito interessado num teatro mais profundo e intelectual.

⁷⁰ PIZA, 2004, p. 62

discursa de uma sacada num hotel de Manaus, contra a opressão do povo, completamente bêbado.

A partir desta descoberta de um Brasil desconhecido, Paulo Francis passou a ler tudo de e sobre Karl Marx e Revolução Soviética onde logo se simpatizaria mais com Trotsky do que com Lênin e Stalin, por conta do conceito inventado por aquele de Revolução Permanente.⁷¹ Segundo Piza, “a descoberta e opção de Francis pela esquerda foi (como para outros muitos intelectuais) fruto direto de sua descoberta decepcionante da realidade social do Brasil”.⁷²

Ao voltar para o Rio, mora de aluguel junto do irmão mais velho Fred e inicia a sua carreira de diretor teatral. Porém em 1954, faz outra viagem junto do pai Adolpho e sua segunda mulher, Lourdes, agora para Nova York e “assiste como ouvinte, a diversas palestras do crítico cultural Eric Bentley⁷³ especialista em Bertolt Brecht⁷⁴, sobre Literatura Teatral Comparada.

Dois anos depois, de volta ao Brasil, encontra o Rio pós-getulista em plena ebulição cultural e:

busca a sorte como diretor no estatal Teatro Nacional de Comédia. Encenou desde George Bernard Shaw até Millôr Fernandes, mas só ganhou algum reconhecimento em setembro de 1957, ao dirigir *Pedro Mico*, de Antonio Callado, numa montagem sobre favelados com cenários de Oscar Niemeyer. (SÁ, 2012, p. 4, com inclusões minhas)

⁷¹ “Um lugar comum do marxismo é que a revolução proletária não pode se dar em países subdesenvolvidos e atrasados. Então os bolcheviques como justificativa por fazerem a Revolução num país semifeudal como a Rússia inventaram um monte de desculpas, um deles Trotsky, inventa junto com um outro sujeito o conceito de Revolução Permanente que seria basicamente: a revolução num país desenvolvido seria uma fagulha que se alastraria pelo restante do mundo... [...] Nessa época (anos 1950) eu estava chocado com a realidade do Brasil, então o Trotsky era o meu guru porque ele escrevia muito bem inclusive, e essa coisa da revolução permanente me fascinou. Já o Stalinismo por exemplo, eu sempre achei uma coisa hedionda, o comunismo também sempre achei uma besteira, e o trotskismo era muito mais atraente”. (PAULO FRANCIS em entrevista..., 1996)

⁷² PIZA, 2004, p 62

⁷³ “Eric Bentley convidou Paulo Francis para fazer um mestrado em Teatro na universidade de Columbia. Francis recusou o convite. É provável que esta recusa se deveu ao fato de Paulo Francis não ter se graduado em Filosofia no Rio de Janeiro, curso que começou mas não terminou. Isso é um mistério. Ele mesmo não gostava de falar muito sobre o assunto quando questionado sobre sua formação acadêmica.” (FONSECA, 2001, p. 41)

⁷⁴ “Bentley introduziu no mundo anglo-saxão o método teatral de Bertolt Brecht, cuja base central era o distanciamento crítico despido de emoção. [...] Curiosamente, 15 anos depois Bentley renegaria todas essas ideias. Passou a valorizar a vitalidade intrínseca do teatro, fosse um melodrama ou uma farsa, condenando o excesso de intelectualismo que defendera anos antes”. (NOGUEIRA, 2010, p. 32)

Ainda no Teatro do Estudante (TE) com seus 22 dois anos de idade, “Francis representa alguns papéis secundários em peças montadas por Magno, sendo o primeiro deles o de um frei denominado Lourenço, que lhe valeu uma indicação para ator-revelação de 1952”.⁷⁵ Entre 1957 e 1958 o jornalista chegou a dirigir no total seis peças, e escreveu uma – “sobre a Revolução Farroupilha, nunca encenada”⁷⁶, e ainda “criou uma companhia, denominada Teatro do Leme”.⁷⁷ Neste interregno o jornalista Hélio Fernandes diretor de redação da *Revista da Semana* lhe oferece uma coluna de crítico teatral nesta:

revista ilustrada de projeção mediana. Podemos dizer que aqui ele escreve a sua primeira polêmica ao comparar Cacilda Becker a Fernanda Montenegro, que eram atrizes que à época disputavam uma certa primazia. Porém nada de original, ele repete à sua maneira a comparação que Bernard Shaw havia feito entre Bernhardt e Eleonora Duse, meio que apenas substituindo o nome das atrizes americanas pelo nome das atrizes brasileiras. (PIZA, 2004, p.56)

No mesmo ano outro jornalista, Francisco Pereira da Silva, que opta pela dramaturgia, indica Francis para escrever em seu lugar uma coluna de críticas e notas sobre produções teatrais no jornal *Diário Carioca*⁷⁸. E é neste jornal onde, estimulado pelo então diretor de redação Pompeu de Souza, passaria “a adotar um estilo virulento e polêmico, bem ao gosto da imprensa da época”.⁷⁹ É quando Francis tentou levar adiante o seu projeto de teatro, e foi se tornando “dono de um texto rápido, seco e livre de eufemismos e formalidades”.⁸⁰

⁷⁵ Verbete Paulo Francis . Disponível em: CPDOC/FGV -

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/franz-paulo-trannin-heilborn>.

⁷⁶ PETRIK, 2006, p. 46

⁷⁷ Verbete: Paulo Francis. Disponível em: CPDOC/FGV -

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/franz-paulo-trannin-heilborn>.

⁷⁸ “Na época em que esteve no Diário Carioca, Paulo Francis foi um dos fundadores do Círculo Independente de Críticos Teatrais do Rio de Janeiro (CICT), junto com Bárbara Heliodora, do Jornal do Brasil; Gustavo Dória, de O Globo; Henrique Oscar, do Diário de Notícias; Luísa Barreto Leite, do Jornal do Comércio; Renato Vieira de Melo, de O Jornal; Cláudio Bueno, da Tribuna da Imprensa; e Maria Inês e Alfredo Souto de Almeida, da Rádio MEC.” (Verbete: Paulo Francis. Disponível em: CPDOC/FGV - <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/franz-paulo-trannin-heilborn>.

⁷⁹ NOGUEIRA, 2010, p. 34

⁸⁰ PIZA, 2004, p. 67

Na maneira de escrever, (e talvez de ser e pensar) é a partir de então extremamente influenciado pelo crítico Bernard Shaw⁸¹ que “era ao mesmo tempo um socialista (heterodoxo) e um elitista (não esnobe) [...] e escrevia como se o texto fosse um acontecimento, uma performance que deixa marcas no leitor”.⁸² Segundo Manuel Petrik:

A companhia intelectual que indistintamente permaneceu com ele foi George Bernard Shaw, a quem atribui a influência para o seu texto mordaz, entre outros ensaístas, todos polêmicos e *carmundgeons* como George Jean Nathan, Jonathan Swift e Karl Krauss. [...] O texto é sempre transgressor, mesmo quando conservador, funcionando como um cartão de visitas pré-discursivo, em que o eu se evidencia na preponderância dos pontos de vista céticos e irônicos, incomuns e, ao mesmo tempo, marcados por um despojamento no estilo, quase coloquial. (PETRIK, 2006, p. 47)

Para Piza (2004) o estilo de escrita de Francis fora um estilo de época, “em que os debates de ideias eram marcados por um tom agressivo, desafiador, salpicado por xingamentos e humor irônico”.⁸³ E de uma época anterior aos anos 1950, pois neste período houve a modernização da imprensa brasileira como um todo, situada a partir da transformação do *Jornal do Brasil* e do *Diário Carioca* como será exposto mais à frente no capítulo 2.

Nos tempos de crítico teatral no *Diário Carioca*, Francis se fez influenciar também por outro crítico americano, George Jean Nathan⁸⁴, que o influenciara no jeito de escrever coloquial e mundano:

como quem conversa uma conversa cheia de malícia e desprendimento um crítico que não se furtava em comentar que uma determinada roupa não caia bem numa determinada atriz, ou seja, anti professoral por excelência, ao mesmo tempo severo, rigoroso, não escondendo certo prazer em desancar uma produção. (PIZA, 2004, p.56)

⁸¹ “George Bernard Shaw foi um dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista irlandês. Co-fundador da *London School of Economics*, foi também o autor de comédias satíricas de espírito irreverente e inconformista”. (Fonte: Wikipedia)

⁸² PIZA, 2004, p. 56

⁸³ *Ibidem*, p. 44

⁸⁴ “George Jean Nathan foi um crítico e editor de teatro americano.” (Fonte: Wikipedia)

A formação intelectual de Francis neste período é extremamente influenciada pelo processo bem observado por Daniel Piza (2004) “da passagem de uma mentalidade europeia para uma americana” durante todo o século XX embora suas maiores influências sejam europeias como Marx e Shaw. Sendo assim, podemos considerar que a sua formação intelectual foi predominantemente autodidata, pois não chegou a concluir seu curso superior de Filosofia, nem a pós-graduação em Literatura dramática no final dos anos 1950. Na virada dos anos 40 para os 50, teve uma formação especialmente marcada pelos “romancistas americanos e dos críticos (e polemistas profissionais), quando então passou a ser leitor de revistas como *New Yorker*, *Esquire* e *Partisan Review*”.⁸⁵

Outro dado importante da formação intelectual de Paulo Francis é que ela é precariamente influenciada por autores brasileiros sobre os quais o jornalista nunca quis saber muito ou pouca atenção dava. Sobre este assunto fez declarações do tipo “ninguém toca no livro mais bem escrito de Machado, o mais bem escrito em português, que é *Memorial de Aires*”.⁸⁶

Neste momento de início de construção de personagem polêmico, seu alvo maior fora o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) e o anti-intelectualismo a seu ver desnecessário como o da atriz Dercy Gonçalves. Segundo Kucinski (2000):

Duas contribuições de Paulo Francis resistem ao tempo. Sua extensa obra de crítica teatral no *Diário Carioca*, entre 1957 e 1962, totalizando 1.236 artigos, e suas colaborações para *O Pasquim*, no período da ditadura militar (1969-1972). As críticas de teatro e a coleção de traduções são hoje referência para qualquer estudioso do teatro brasileiro. Paulo Francis rejeitou o padrão auto-indulgente da crítica teatral carioca num gesto consciente, que tinha por objetivo demarcar seu território desde o início. Não compactuava com a corrupção nem com a troca de favores, comuns na crítica teatral daquela época. Essa necessidade explicava também o nível de violência de sua linguagem. (KUCINSKI, 2000. Disponível em: http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=407)

⁸⁵ PIZA, 2004, p. 55

⁸⁶ FRANCIS. *Diário da Corte*. FOLHA DE SÃO PAULO, 05 de maio de 1990

Em 1959 simultaneamente à coluna de críticas teatrais que mantinha no *Diário Carioca*, Francis foi editor-assistente da revista *Senhor*⁸⁷ e começa a escrever no jornal *Última Hora* de Samuel Wainer. Foi quando “aos poucos, personagens como João Goulart e Krushev ganharam sua atenção”⁸⁸ e começou ele mesmo a politizar suas críticas, desiludido com o teatro, sofrendo as consequências do ataque gratuito e sem justificativa a Tônia Carrero⁸⁹, no momento em que “a partir de 1961 a política começa a se sobrepor à cultura no Brasil, e a passa a ser o principal objeto de debate para praticamente todo mundo”⁹⁰, até que em 1963 troca de vez o teatro pela política.

Quando escrevia no UH – segundo ele mesmo em seu livro de memórias “um panfletário polemista da porretada seca”⁹¹ – Paulo Francis “iniciou a sua fase mais esquerdista e politicamente engajada, coisa que não se repetiria mais em sua vida”.

92

Após o golpe militar de 1964, escondeu-se na casa de parentes e amigos, refugiou-se em São Paulo, ficou desempregado, respondeu a diversos inquéritos policial militares e foi preso quatro vezes⁹³. [...] Colaborou como editor da editora Civilização Brasileira e, mais tarde, como editorialista do *Correio da Manhã*, de oposição ao regime (PETRIK, 2006, p. 52-53)

Segundo o biógrafo Daniel Piza (2004) Francis vive o seu auge como polemista político de 1967 a 1968, “falando mal e abertamente do governo militar após, por conta do fechamento do *UH*, se tornar coeditor do Quarto Caderno

⁸⁷ Revista mensal “conhecida por ter publicado contos de Clarice Lispector (na época praticamente inédita) e Guimarães Rosa (que teve editado quase todos os contos que o celebrizaram), hoje clássicos, e histórias como *A morte e a morte de Quincas Berro d’água*, a obra-prima de humor de Jorge Amado.” (PIZA, 2004, p. 27) Segundo Kucinski (2000), foi a melhor revista já produzida no Brasil, dirigida por Luiz Lobo e Newton Rodrigues, e na qual escreviam os melhores jornalistas e ficcionistas da época.

⁸⁸ PIZA, 2004, p. 67

⁸⁹ O caso com a atriz Tônia Carrero será analisado em maior profundidade no próximo capítulo.

⁹⁰ PIZA, *op. cit.*, p. 67

⁹¹ FRANCIS, 1980, p. 57

⁹² PIZA, *op. cit.* p. 67

⁹³ Francis foi preso 4 vezes por motivos insignificantes. Numa das prisões o motivo era o fato de ser suspeito do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick que foi feito na verdade por Fernando Gabeira, Vladimir Palmeira e José Dirceu. “Ao todo foram 12 meses na cadeia, tempo que, claro, ocupara com leituras, mas cujo tédio o obrigou a tomar a decisão de deixar o Brasil”. (Piza, 2004, p. 18) Não foi torturado em nenhum momento.

(suplemento cultural e dominical) do jornal *O Correio da Manhã*⁹⁴. Contudo há de ressaltar a trajetória oblíqua do jornal *Correio da Manhã*, um jornal que:

estava entre os mais importantes impressos do Rio no período – era o matutino de maior circulação até o final dos anos 1950, quando foi ultrapassado pelo *Jornal do Brasil* – e fez radical oposição a Jango, nítida nos editoriais que discutiam a crise política do final de março de 1964 (notadamente os célebres “Basta!” e “Fora!” de 31 de março e 1º de abril de 1964, defendendo a deposição imediata do presidente). Saudou em seguida a vitória dos militares, mas se tornou um dos grandes baluartes da oposição e da crítica aos militares. Reside aí a singularidade de sua trajetória: um dos jornais mais identificados com a oposição a Jango no pré-golpe tornou-se, na ditadura, a referência na grande imprensa para setores da esquerda e para parte daqueles que lutavam contra o regime. (CHAMMAS, 2011, p. 76)

Politicamente o período Médici pós-decretação do AI-5 – Ato Institucional nº 5 – de 13 de dezembro de 1968 foi o mais duro durante todo o regime militar, e é quando os conflitos se tornaram mais radicalizados, a repressão mais dura e quando segmentos da esquerda entram definitivamente para a luta armada, promovendo sequestros de diplomatas e tentando articular uma guerrilha no campo e na cidade.

Neste período a reação da imprensa é bastante diversificada, mas de forma alguma uma atuação que é corajosa e completamente contrária aos interesses dos governos militares, num movimento que se caracterizasse como de defesa do interesse do público em geral:

Houve aqueles que optaram por aceitar as ordens que chegavam por meio de bilhetinhos e telefonemas, e aqueles que de fato sofreram com a censura como *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* – destes somente este último foi compulsoriamente fechado. (BARBOSA, 2007, p. 190)

Francis que trabalhou no jornal à época escreveu em seu livro de memórias:

O trabalho no *Correio* apesar de pesado e improfícuo (porque não se tinha dinheiro e se pagava mal) alimentava a alma, pois foi a trincheira quase única em que se defendia o país da ditadura. [...] Sua proprietária Niomar Moniz Bittencourt tinha horror a ditaduras. (FRANCIS, 1980, p. 160, com inclusões minhas entre parênteses)

⁹⁴ PIZA, 2004, p. 67

Contudo, ainda assim:

o ambiente hostil e a censura viriam colaborar para que Francis participasse de outra experiência emblemática do jornalismo brasileiro, como cofundador do *Pasquim*, ainda que ali não militasse por muito tempo. Foi lá que encontrou definitivamente seu estilo como cronista. As liberdades propostas pelo periódico fizeram com que coloquialismos, gírias, citações sem compromisso se incluíssem ainda mais no seu texto, enriquecendo-o e agregando status também a sua imagem. (PETRIK, 2006, p. 52-53)

Como destacou Bernardo Kucinski (1991), em seu estudo sobre os periódicos alternativos que surgiram durante o regime militar Francis, num certo sentido, como os seus “companheiros” da turma d’O *Pasquim*, como Jaguar, Henfil, Tarso de Castro, Sérgio Augusto e Ziraldo “não chegava a criticar a cultura estabelecida das esquerdas, mas não a adotava mais como filosofia de vida”.⁹⁵ Em resumo, enquanto escreveu neste jornal alternativo, o jornalista fazia parte de um grupo de intelectuais que tinha como objetivo denunciar o autoritarismo a partir da crítica dos costumes e do moralismo da classe média, com o objetivo de fugir do dogmatismo das esquerdas e de uma certa realidade opressiva. Além disto, participou da revolução causada na linguagem do jornalismo brasileiro por este hebdomadário, que instituiu “uma oralidade que ia além da mera transferência da linguagem coloquial para a escrita do jornal. Essa revolução, semi-apreendida pela imprensa nos anos seguintes, teve impacto profundo na publicidade”.⁹⁶

Criado em 1969 O *Pasquim* existiu quase durante toda a ditadura militar como alternativo de humor e crítica ao governo brasileiro. Francis se juntou ao núcleo fundador já no primeiro ano de existência do jornal, “debutando” no número 6 com um texto sobre o Marquês de Sade. Foi um dos fenômenos do jornal:

um intelectual cujo rompimento com a sisudez e a linguagem engomada do jornalismo político e cultural abriu-lhe as portas para a popularidade. Algumas expressões de sua autoria como ‘raciocinando em bloco’ e ‘inserido no contexto’, sempre destacadas e gozadas pelo Jaguar, acabaram virando bordões do Chacrinha. (AUGUSTO, 2006, p. 11)

⁹⁵ KUCINSKI, 1991, p. 89

⁹⁶ *Ibidem*, p. 108

Ainda como jornalista *d'O Pasquim* – que só deixa de o ser em janeiro de 1976 –, em 1971 Paulo Francis toma a decisão de deixar o país, por culpa mesmo da censura que segundo ele próprio “mutilava tudo até crítica de cultura”⁹⁷ e também segundo Manuel Petrik por conta das prisões que sofreu e que:

foram determinantes para que fosse morar em Nova York, em definitivo. [...] Lá, de início, trabalhava como *freelancer* para publicações brasileiras como *Realidade, Visão e Status* e contava com uma bolsa da Fundação Ford⁹⁸. (PETRIK, 2006, p. 52)

Desta forma, “diante da impossibilidade total de participar da vida política brasileira pós-AI-5”⁹⁹ Francis embarca para Nova York e lá permanece até o fim de sua vida em 1997.

Paulo Eduardo Nogueira (2010) biógrafo de Francis afirma que ao chegar em Nova York o jornalista “acalentava um nada secreto desejo de ser adotado pela patota da *New York Review of Books* de tornar-se enfim, um intelectual nova-iorquino. Não conseguiu, o que o deixou frustradíssimo”.¹⁰⁰

É quando em 1975 começa a trabalhar para o jornal *Folha de São Paulo* primeiro como colaborador, depois como correspondente internacional, a convite do jornalista Claudio Abramo – que naquele momento promovia uma grande reforma na *Folha*, “após ser contratado por (Otávio) Frias para pilotar a redação do jornal”¹⁰¹, transformando-a nos anos seguintes no jornal de maior tiragem do país.¹⁰²

Segundo Alexandre Batista, (2015) somente na década de 1980 é que a coluna do jornalista se fixa “às quintas-feiras e aos sábados, na *Ilustrada* (caderno cultural da Folha).”¹⁰³, sendo anteriormente variável em dia, tamanho e local de publicação. Neste período a coluna é batizada ironicamente pelo próprio Abramo com o título de “Diário da Corte”.

A coluna de Francis “foi aos poucos crescendo em tamanho e audiência em sintonia com o crescimento do jornal, onde registrava os impasses do império

⁹⁷ Cf. FRANCIS, 1980, p. 53-54-55 para suas justificativas do porque deixou o Brasil.

⁹⁸ “Com uma mãozinha do editor da Paz e Terra, Fernando Gasparain, Francis obteve da Fundação Ford uma bolsa de US\$ 500 e o aluguel de um apartamento para morar.” (NOGUEIRA, 2010, p. 48)

⁹⁹ NOGUEIRA, 2010, p. 47

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 50

¹⁰¹ GONÇALVES, 2008, p. 36

¹⁰² Cf. ABRAMO, 1988

¹⁰³ BATISTA, 2015, p. 186

americano e o seu olhar particular sobre o Brasil”¹⁰⁴. Além disso, fez parte do principal caderno cultural (a *Ilustrada*) do país que se consolidara como “a internet da década de 80”.¹⁰⁵

No “Diário da Corte” escreveu sobre assuntos diversos, embora alguns sempre recorrentes, dentre estes, revolução russa (e suas consequências históricas Trotsky, Stalin, Gorbachev), ditadura militar no Brasil (e seus protagonistas Jango, Brizola, Roberto Campos) a política americana do período, suas críticas e visões de cultura, livros e cinema que poderia passar por nomes como Woody Allen, Glauber e Nelson Rodrigues e colunas inteiras dedicadas a outros autores favoritos como o jornalista e também polemista H. L. Mencken ou o crítico cultural Edmund Wilson.

Ainda no final da década de 1970 o jornalista lançou-se como romancista, e escreveu uma trilogia de romances onde sintetizaria a discussão, segundo ele mesmo, “paradigmática dos problemas da esquerda depois de Stálin e na sua relação específica à condição brasileira”.¹⁰⁶

Eduardo de Oliveira Lanius (2012) em sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRS, trata de toda a obra ficcional produzida pelo jornalista, que é composta por estes dois romances lançados no final da década de 1970, *Cabeça de Papel*¹⁰⁷ (1977) e *Cabeça de Negro*¹⁰⁸ (1979), – que por sua vez são parte de uma trilogia terminada apenas postumamente com a

¹⁰⁴ PIZA, 2004, p.44

¹⁰⁵ GONÇALVES, 2008, p. 4

¹⁰⁶ FRANCIS, 1980, p. 11

¹⁰⁷ “Escrito a 40°C e 300 km/h, em pleno delírio, mas delírio lúcido, *Cabeça de papel* ambienta-se na Zona Sul carioca, no cosmos circunscrito entre o Leme e o Leblon. Seus personagens pertencem à classe dirigente: banqueiros, grandes industriais, donos de jornal, socialites, colunáveis, *vips*, intelectuais. Enquanto o narrador é Hugo Mann, um crítico de cinema e ex-trotskista, o personagem principal é Paulo Hesse, o editor de um grande jornal conservador carioca que, antes do golpe de 1964, era um colunista de extrema esquerda. O acontecimento-chave é o golpe militar, mostrando como um grupo de personagens extremamente politizado evoluiu até 1964, sofreu o trauma e como reagiu a ele.” Sinopse de *Cabeça de Papel* retirada do site da Livraria Travessa. Disponível em: <http://www.travessa.com.br/cabeça-de-papel/artigo/a039d0f1-2468-4287-8581-e8508af4089d>. Acesso em: 23 de novembro de 2016.

¹⁰⁸ Nesse romance, passado entre os governos Geisel e Figueiredo, Paulo Francis retoma seu alter ego Hugo Mann, o ex-militante trotskista e crítico de cinema de *Cabeça de papel*. Estabelecido nos Estados Unidos, Mann vem constantemente ao Brasil, onde mantém antigos vínculos com o stalinista Álvaro, o psiquiatra trotskista Juca Hansen e a excêntrica Maria, simpatizante de esquerda, assassina do meliante que dá nome ao livro e esposa de Maneco, um grande empresário financiador dos órgãos de repressão da ditadura. Em determinado momento, Mann descobre estar mergulhado numa conspiração patrocinada pela KGB (a antiga polícia política da ex-União Soviética) e pelos setores mais reacionários da sociedade brasileira. Sinopse retirada do site da livraria Travessa. Disponível em: <http://www.travessa.com.br/cabeça-de-negro/artigo/798b707a-236d-4fcd-b6f2-4c2d634d8dd9>. Acesso em: 23 de novembro de 2016.

publicação de *Carne Viva*¹⁰⁹ – e mais duas novelas ‘*Mimi vai à guerra*’ e ‘*Clara, Clarimunda...*’, publicadas sob o título geral de *Filhas do segundo Sexo*.

Os dois romances, *Cabeça de Papel* e *Cabeça de Negro* não tiveram à época de sua publicação uma boa recepção entre críticos como José Guilherme Merquior e Wilson Martins¹¹⁰, mas críticos como José Onofre¹¹¹, Franklin de Oliveira¹¹² e Tristão de Athayde¹¹³ (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) perceberam aspectos positivos na obra. Para o professor Leandro Garcia Rodrigues, que é especialista na obra de Alceu:

este romance (*Cabeça de Papel*) não foi muito bem visto pela crítica da época, já marcada pela produção universitária e acadêmica, de direção marxista e à esquerda, que o considerou “elitista demais”, de “difícil compreensão”. Porém, o mesmo teve uma calorosa recepção de Alceu, que se manifestou na imprensa ao seu respeito, exaltando-o como um “exemplar de inteligência e erudição”. (RODRIGUES, 2016, p. 7)

Alceu Amoroso Lima¹¹⁴, que nos anos 1950 fora professor de Paulo Francis na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio, além da crítica positiva a *Cabeça de Papel*, havia em outro momento, mais exatamente no ano de 1969, elogiado o jornalista em carta enviada para o próprio Francis, mesmo depois de ter sido criticado (também em tom amigável) por ele:

¹⁰⁹ Segundo Manuel Petrik (2006) “*Carne Viva* levava como título original *Jogando cantos felizes*. Ficou à espera de uma revisão cuidadosa por parte do autor com vistas de publicação depois de receber uma leitura do editor da Companhia das Letras, Luis Schwarz. As correções não foram terminadas quando da morte do Francis e o plano inicial de publica-lo quando se comemorassem os 30 anos do Maio de 1968 não vingou, sendo lançado 10 anos depois sem qualquer alarde e por uma editora pequena.

¹¹⁰ MARTINS. *Romance de Intelectual*. **JORNAL DO BRASIL**, 18 de agosto de 1979

¹¹¹ ONOFRE. *As duas cabeças do romance de Francis, Oitenta*, Porto Alegre: L&PM, 1979

¹¹² OLIVEIRA. *Cabeça de Negro*. In: **ISTOÉ**, nº 136, 1º de agosto de 1979. _____. O estouro da memorialística brasileira. In: **LEIA LIVROS**, nº 29, outubro de 1980

¹¹³ ATHAYDE. *Marcha Soldado*. **JORNAL DO BRASIL**, 09 de setembro de 1977

¹¹⁴ “Convertido à fé católica em 1928, por influência de Jackson de Figueiredo, Alceu abraçou um padrão conservador e reacionário de catolicismo, algo comum naquela época. A partir dos anos 50, todavia, sofreu uma forte mudança paradigmática, influenciado que foi – dentre outros – por Thomas Merton, Jacques Maritain e Teilhard de Chardin, abandonando aos poucos o conservadorismo. Com o concílio Vaticano II, do qual participou ativamente, Alceu abraçou em definitivo um novo padrão de catolicismo, mais aberto, flexível, atento aos sinais do tempo. Tornou-se adepto e defensor da Teologia da Libertação e de sua práxis, e uma ferrenho crítico do Regime Militar instaurado com o Golpe de 64, contra o qual se chocou na imprensa e na vida, como fez na veemente defesa dos presos políticos, particularmente os frades dominicanos, que o enviavam cartas denunciando as agruras e sevícias sofridas nos porões da ditadura, e que Alceu não se intimidou em divulga-las através de seus artigos e crônicas em diferentes jornais brasileiros e estrangeiros”. (RODRIGUES, 2016, p. 1)

Não costumo explicar o que escrevo. Mas admiro tanto o que você escreve, mesmo sem partilhar de suas convicções profundas, que me deu vontade de dizer duas palavras sobre seu comentário, tão simpático, no último número do 'Pasquim', à minha entrevista (publicada no Jornal do Brasil). A palavra Erotismo é ambígua por natureza. Qual a que não é? Quando a empreguei, em relação à Marcuse, foi exatamente no sentido mais amplo, admitindo inúmeros entretons. (LIMA, Alceu Amoroso, 1969 *apud* RODRIGUES¹¹⁵, 2016, p. 2)

A partir daí ambos trocariam algumas cartas em que selariam uma franca amizade¹¹⁶, as quais o professor Leandro Garcia Rodrigues (2016) transcreveu cuidadosamente. Para Garcia nestas cartas :

fica explícita a preocupação humanista de Paulo Francis, que via em Alceu Amoroso Lima a figura exemplar e segura para se discutir tais questões, especialmente qual seria a resposta cristã para todas estas agruras do seu tempo, fato este que nos obriga a questionar as tradicionais acusações recebidas pelo jornalista, especialmente as de ser alienado e subserviente ao poder econômico norte-americano, como sempre é acusado. Ou seja: poderíamos até falar de um "outro Francis" – o das cartas a Alceu – bem diferente do "tradicional Francis" do qual lembramos e tivemos contato, especialmente pelo seu estilo único de falar e produzir suas reportagens e investigações. (RODRIGUES, 2016, p. 9)

Entretanto, pessoalmente para Francis, a recepção de ambos os livros foi bastante desoladora, embora tenham vendido editorialmente bem. Em seu livro de memórias *O afeto que se encerra* (1980) Francis confessa que após esta recepção negativa pensou seriamente em cometer suicídio, algo que já havia cogitado a possibilidade durante a sua adolescência de muitas farras, orgias e drogas.

¹¹⁵ O professor Leandro Garcia Rodrigues gentilmente cedeu-me o texto completo em que transcreve e analisa todas as cartas trocadas entre Francis e Alceu que será ainda publicado no livro: RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que Falam - Ensaio sobre Epistolografia*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2016.

¹¹⁶ Num extremo oposto a esta relação amigável entre Francis e Alceu, está a publicação do livro do jornalista Fernando Jorge (1996) *O plagiário Paulo Francis (JORGE. Vida e obra do plagiário Paulo Francis*. São Paulo: Geração Editorial, 1996). Este livro de Fernando Jorge, ao que tudo indica, foi escrito por uma vingança pessoal do autor, que teria um pai judeu e este se sentiu extremamente ofendido com um texto de Francis a respeito do assunto. O livro tem 500 páginas, é mal escrito, tão polêmico quanto o jornalista que critica e recheado das hilárias gafes cometidas por Paulo Francis, que trocava datas, autores e dados com alguma frequência, e segundo Fernando Jorge plagiava referências de autores com descuido e má fé.

Outro nome importante da crítica literária nacional, o ensaísta, diplomata e crítico José Guilherme Merquior (1981) tratou de *Cabeça de Papel* com bastante desdém, tendo inclusive assumido que o criticara sem tê-lo lido por completo. Francis irá cruzar a primeira metade da década de 1980 “entre ataques e até mesmo embates ruidosos”¹¹⁷ contra Merquior. Falarei brevemente a respeito da polêmica com Merquior.

Os “ataques” tem início no ano de 1980 quando o crítico publica uma resenha¹¹⁸ no *Jornal do Brasil* a respeito da coletânea *Achados e perdidos*¹¹⁹ do também crítico literário Davi Arrigucci Jr. (1999). Nesta coletânea *Cabeça de Papel* é analisado por Arrigucci em diálogo com outros críticos, Carlos Vogt, Flávio Aguiar, Lúcia Teixeira Wisnik e João Luiz Lafetá, num texto intitulado *Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente*.

Merquior inicia seu texto saudando o acontecimento de publicação de uma coletânea de críticas no mercado editorial brasileiro, que contaria somente com outro par, a publicação de *O pai de família* de Roberto Schwarz. Em seguida elogia Davi Arrigucci Jr. situando-o:

na primeira fila dos nossos interpretes da coisa literária, alguém a ser colocado entre a eminência de um Antonio Candido e a sutileza de um Alexandre Eulálio. [...] O núcleo teórico de *Achados e Perdidos* são reflexões em torno do por que da *alegoria* nas letras latino-americanas de hoje, [...] tomando de Walter Benjamim e Lukács a ideia de que o *símbolo* corporifica a totalidade histórica, enquanto a *alegoria*, estrutura mental religiosa numa época já sem crença, fragmenta esse nexos, e só alude a totalidades de conteúdo vazio. Só que Lukács condenava o alegórico, e com ele a literatura moderna; Davi a justifica pelo momento histórico, especialmente em regiões onde, como na América Latina, a modernidade ainda é modernização e, portanto, convive e colide com tempos diversos e antagônicos. [...] A partir daí (Davi) registra uma vontade mimética do romance brasileiro dos anos 1970 retomando depois [...] de Guimarães Rosa os impulsos documentais da nossa tradição narrativa. (MERQUIOR, 1981, p. 331)

¹¹⁷ SÁ, 2012, p 15.

¹¹⁸ MERQUIOR. *Ave Rara: Crítico à vista*. **JORNAL DO BRASIL**, 05 de janeiro de 1980. Esta resenha foi no ano seguinte publicada em livro juntamente de outras contribuições de Merquior para a imprensa, com o título de *As ideias e as formas*. (MERQUIOR, 1981)

¹¹⁹ Esta coletânea foi publicada pela primeira vez em 1979, e vinte anos depois reimpressa pela editora Companhia das Letras. Cf. ARRIGUCCI Jr. Davi *Outros achados e perdidos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Em outras palavras, dentro do romance da década de 1970 haveria segundo Davi Arrigucci Jr. (1999) – a quem Francis (2012) irritadíssimo alcunhou de “outro vagabundo, Pucci ou Gucci [...] lontra de bigodes”¹²⁰ – um “retorno ao mimético, com frequentes recursos à imitação da prosa de jornal, que a rigor é veículo nem sempre adequado para modernas alegorias”.¹²¹ Porém dentro desta tendência alguns autores escapariam deste defeito de retorno à literatura mimética e realista, como no caso de Paulo Emílio Sales Gomes, Renato Pompeu e ainda Antonio Callado, não ficando o romance de Paulo Francis isento deste defeito em partes, por se tratar de um livro malogrado, com construção de enredo frágil e final mal preparado, mas com passagens interessantes e até complexas.

Em resumo, conclui o crítico Davi Arrigucci Jr, Francis em seus romances se frustra ao tentar mostrar os bastidores do poder por alguém que nunca frequentou estes lugares ou que apenas esteve presente em suas “bordas”. Para este crítico a falha do enredo de *Cabeça de papel* está em trazer o drama de um contexto a respeito do qual Francis nunca conheceu de fato.

Merquior que também sempre foi afeito, como Francis, aos desafetos diversos com personalidades públicas, tendo “um gosto irrefreável pela briga, [...] e participado nos anos 1980 de polêmicas hoje lendárias no meio intelectual brasileiro”¹²² prossegue em sua resenha:

Davi aponta com justeza as deficiências desse romance intelectualmente ultrapretencioso, onde o “estilo trator” agride até os personagens, sem lograr plasmá-los acima da mera singularidade e contingência. [...] Canastrão do articulismo nacional (do articulismo e não do ensaísmo: ele não tem a menor ideia do que seja ensaio), espécie de intelectual para intelectualóides, Francis vive injuriando o que não tem condições de compreender, e escrevinha com uma teutônica sem-gracice, que não lhe consente sequer a estética do insulto – quanto mais chegar à sola dos pés da cultura, da sensibilidade, em suma, da validez dos que ele tenta atingir. (MERQUIOR, 1981, p. 332)

Em resposta Paulo Francis publica no seu “Diário da Corte” no jornal *Folha de São Paulo* um artigo intitulado “Pivetes, Glauber, retoques”. Francis começa o texto alcunhando Merquior de pivete, e em seguida de “gordinho, rechonchudinho, rosado,

¹²⁰ FRANCIS, 2012, p. 88

¹²¹ MERQUIOR, 1981, p. 332

¹²² MERQUIOR, 1981, p. 332

a autêntica ‘menina’ que esperamos encontrar no Itamaraty”¹²³, e sugerindo em algumas partes do texto que o mesmo “esticava lençóis”. Típico polemista, Francis também se refere a um suposto comportamento canalha de Merquior com o falecido filósofo de esquerda Valerio Konder e a Editora Civilização Brasileira, terminando por dizer que não resiste a uma provocação, e que num futuro encontro pessoal com seus críticos não querendo machuca-los muito, iria apenas limitar-se “a dar-lhes umas palmadas em público”.¹²⁴ Ainda em 1981 em entrevista a Revista *Veja* Merquior anuncia *Cabeça de Papel* como treino para uma futura autobiografia de Paulo Francis intitulada “Cabeça de Vento”.

Eduardo de Oliveira Lanius (2012), para além da questão polêmica existente no debate entre Francis e os críticos dos seus romances, sustenta que toda a obra produzida pelo jornalista ainda está por ser editada e compilada de maneira que fique inteligível e, posteriormente, tenha ressaltado o seu real valor. Principalmente com relação ao seu projeto literário, acredita ser este peculiar e original, ainda não devidamente mapeado. Segundo Lanius (2012) se Francis:

não aparece em um panteão ao lado de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos ou João Guimarães Rosa, tem ressaltado papel como alguém que testemunhou seu tempo e o pensou com toda a argúcia de que foi capaz. Nessa aventura foi *sui generis* e faz muita falta. [...] Francis integrava a linhagem dos jornalistas-ensaístas, no sentido que lhe atribuiu Daniel Piza (2004). Não é meu objetivo explicitar esta genealogia, mas inclui “os críticos de cultura no sentido amplo, isto é, de artes e de costumes. Isso começa com William Hazlitt e vem até Robert Hughes, passando por Karl Kruss, Bernard Shaw, H. L. Mencken, Edmund Wilson e Kenneth Tynan”¹²⁵. Acrescentaria à lista de Piza, outro nome [...] o do jornalista britânico Christopher Hitchens, um praticante da polêmica que ocupou as manchetes nos últimos anos [...]. E se quiséssemos elaborar uma pequena exposição cronológica – imperfeita, lacunar – de críticos culturais com pronunciada participação na imprensa brasileira, poder-se-ia pensar em gente como Mário de Andrade, Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux, todos de comprovada erudição. Não se trata aqui de medi-los, diferentes que eram em visada e acuidade, mas apenas de nomeá-los, e de inscrever Francis na conta, com as distinções existentes entre uns e outros. (LANIUS, 2012, p. 13)

¹²³ FRANCIS. *Diário da Corte*. FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de janeiro de 1980

¹²⁴ *Ibidem*

¹²⁵ PIZA, 2000 *apud* LANIUS, 2012, p. 13

Este ponto de que Francis “integrava a linhagem dos jornalistas-ensaístas [...] que inclui os críticos de cultura no sentido amplo, isto é de artes e costumes”, pode ser verdade em partes. Se não integrava de fato, o jornalista ao menos se inspirou bastante nestes nomes citados do jornalismo ensaístico, como também num enorme amálgama de influências teóricas e culturais, primeiro europeias e depois principalmente americanas.

Segundo Luís Augusto Fisher (1998) que foi orientador na dissertação de mestrado de Eduardo de Oliveira Lanius (2012) Francis era sim, um ensaísta (ou ao menos o foi até meados da década de 1980), um “gênio” das letras no Brasil. O professor explica que:

Gênio, no terreno do texto opinativo, ensaístico, não é Deus. Não tem opiniões infalíveis, não resolve os dramas da vida. Pensa sobre ela, tendo como bússola sua intuição e sua inteligência – e sua capacidade de dizer tudo isto de forma magistral. (FISHER, 1998, p. 151)

Para Fisher no livro *Opinião Pessoal – Cultura e política* de Francis, em que versa sobre Brecht, Tchecov, Nelson Rodrigues, Guarnieri e Eric Bentley, publicado pela primeira vez em 1966 “há um ensaio sobre Shakespeare que é um assombro”.¹²⁶ Não tive acesso ainda a este livro, mas esta defesa de Fisher do jornalista Paulo Francis como um gênio ensaísta é interessante e precisa ser revista, até porque para Merquior o jornalista não passava de um “canastrão articulista, que não fazia a menor ideia do era ensaio”, como já foi citado mais acima.

O professor Luís Augusto Fischer (1998) tem uma opinião a respeito de Francis que acredito ser bem próxima da realidade:

Para meu gosto, as melhores passagens foram escritas até 86, o que pode ser comprovado no livro *Waaa!* facilmente. Depois disso, acho que o velho Francis vem perdendo o brilho intelectual. (FISCHER, 1998, p. 152)

Acredito também como também bem notou Carlos Augusto Bisson (2005) que Francis é um produto paradoxal da nossa mal fadada modernização que não se completou até hoje, e que veio a galope queimando etapas que na Europa demoraram séculos para acontecer. A condição de gênio “mal acabado” de Paulo

¹²⁶ FISHER, 1998, p. 151.

Francis pode ser de fato verdade, e muito bem descrita e localizada também pelo jornalista Bernardo Kucinski (2000) da seguinte maneira:

Francis e Jabor pertenceram a uma categoria de gênios dos anos 60, que incluem Glauber Rocha e Geraldo Vandré, com histórias de vida semelhantes, apesar de algumas diferenças significativas. Os quatro abandonaram o Brasil nos anos 70, e todos eles sofreram um processo de deslocamento intelectual, de perda de referências que os levou a graus variados de excitação mental. Vandré também repudiou seu passado e exibiu sintomas de esquizofrenia; Glauber comportou-se de forma estranha, ao fazer, num certo momento, o elogio dos generais, em especial de Golbery. É a época em que muitos optaram pelo exílio. Para esses quase-gênios o Brasil funcionou como uma pátria maldita, uma restrição ao seu desenvolvimento. Uma pátria que além de pobre, traiu-os em 1964, matando seus ideais de juventude e vários de seus amigos. Um lugar onde não se podia estar. “Eu me sinto sempre numa espécie de exílio pessoal, sou um estrangeiro nato”, disse Paulo Francis ao completar 50 anos. “O Brasil não é um país, é um grande acampamento”, diria Francis mais tarde, na televisão. Numa sociedade como os Estados Unidos, ou a Grã-Bretanha, haveria muitos Paulo Francis com quem Francis poderia se comparar, competir, se emular. No Brasil, esses gênios se tornam únicos, se descolam da média de seus pares, e começam a ser possuídos pela soberba, até que entram em órbita e se destroem. As duvidosas citações literárias de Paulo Francis, sua erudição estéril e sua recorrência repetida ao plágio de pequenas frases de efeito teriam sido abortadas desde cedo, num jornalismo de nível mais elevado, como o da Grã-Bretanha ou da França. (KUCINSKI, 2000. Disponível em: http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=407)

Ainda em 1980 interrompendo o lançamento da terceira e última parte da sua trilogia “Cabeças” – o que só ocorreria postumamente com a publicação de *Carne Viva* – Paulo Francis decide fazer uma incursão no memorialismo – tendência literária da década – e lança *O afeto que se encerra*¹²⁷ pela Editora Civilização Brasileira. O próprio Francis afirma que embora o livro contenha passagens autobiográficas “não é uma autobiografia, da mesma forma que não é o estudo, ou

¹²⁷ Marinho de Azevedo faz uma crítica do livro no *Jornal do Brasil* e escreve que o “Paulo Francis que se delinea desde as primeiras linhas é uma criança insegura que se apoia em centenas de citações”. (AZEVEDO. *Ator fora do palco. JORNAL DO BRASIL*, 18.10.1980). O crítico Tristão de Athayde tem outra visão do livro, que segundo ele “de todos os volumes que, de há tempos para cá, tornaram a memorialística o gênero mais atual de nossas letras, considero *O afeto que se encerra* de Paulo Francis, a sinfonia mais agreste e mais patética”. (ATHAYDE. *Uma sinfonia patética. JORNAL DO BRASIL*, [1979?]).

reminiscência de um período histórico. Fi-lo porque qui-lo. Esta de resto é a gênese honesta de qualquer obra literária. Somos todos narcisistas”.¹²⁸

Em 1981 o jornalista torna-se colaborador da Rede Globo e escreve em seu “Diário da Corte” na *Folha de São Paulo* que esta emissora estava reaprendendo a fazer jornalismo a sério, uma vez que em 1971 no *Pasquim* havia falado muito mal de Roberto Marinho com um artigo intitulado *Um homem chamado porcaria*. É quando o jornalista abre nova fase em sua vida, pois torna-se “uma figura popular (e muito conhecida) graças à suas aparições nos telejornais de grande audiência”.¹²⁹

É deste período também a coluna *O guerreiro Roberto Campos* de 1985 onde de certa forma Francis faz as pazes com o economista ao dizer: “Escrevi coisas brutais sobre Campos. São erradas. Retiro-as. [...] Até o humor brasileiro, bem rico, se converte em raiva, e perde a graça, contra ele. O apelido “Bob Fields” (que ele mesmo nos anos 1960 havia inventado) é bobo”.¹³⁰ E prossegue:

Cheguei à conclusão de que capitalismo num país rico é opcional. Num país pobre, no tipo de economia inter-relacionada do mundo de hoje, a suposta saída que se propõe no Brasil de o Estado assumir e administrar, e é o que mais leio neste jornal, leva à perpetuação da miséria, do atraso, da estagnação. Capitalismo no Brasil é uma questão de sobrevivência. (FRANCIS, 2012, p. 207)

No artigo Francis cita ainda o economista Robert L. Heilbroner, chamando-o de “um liberal amável”¹³¹, provavelmente outra inspiração teórica. E continua a respeito de Campos de que a sua visão liberal capitalista “pertence a uma pequena família de órfãos da nossa *intelligentsia*, que chegou a ter um líder politicamente mais hábil (mais mineiro) do que Campos, Virgílio Melo Franco, que morreu antes do tempo e não deixou escola”.¹³²

Durante anos (décadas de 1960-70¹³³ principalmente) o economista foi alvo de críticas ácidas do jornalista como compara-lo à própria figura do diabo, “não

¹²⁸ FRANCIS, 1980, p. 11

¹²⁹ NOGUEIRA, 2010, p. 55

¹³⁰ FRANCIS, 2012, p. 206

¹³¹ *Ibidem*, p. 208

¹³² *Ibidem*

¹³³ Importante frisar que já a partir da década de 1970 Francis emitia opiniões contrárias ao socialismo e críticas principalmente ao stalinismo, o que os seus dois biógrafos Paulo Eduardo Nogueira e Daniel Piza sustentam. Piza (2004), por exemplo, trabalha com a ideia de que a fase mais esquerdista e mais alternativa do jornalista “não durou mais do que uma década a rigor”. (PIZA, 2004, p.22)

faltando insultos”¹³⁴, e sendo um dos “pontos de destaque das suas críticas à ditadura”¹³⁵ enquanto escreveu no jornal *Correio da Manhã*. Aqui o economista ainda era visto por Francis como um liberal econômico, anti-nacionalista e que favoreceria “amplamente a abertura da economia nacional ao capital monopolista, de interesse do imperialismo dos EUA”.¹³⁶

Em 1984 foi criado dentro do jornal *Folha de São Paulo* o projeto Folha, que tinha como objetivo racionalizar o jornalismo ali produzido e implantar uma linha editorial que priorizasse o leitor. Em 1989 – portanto quatorze anos após a entrada do jornalista Paulo Francis para o jornal – o jornalista Caio Túlio Costa ocupou o primeiro cargo de *ombudsman*¹³⁷ do jornalismo brasileiro (e da América Latina) como consequência e desdobramento do projeto Folha. Para tanto este jornalista produziria uma vez por semana uma coluna “de comentários críticos sobre os meios de comunicação”¹³⁸ como também durante os outros dias da semana se dedicaria a “receber, investigar, encaminhar as queixas dos leitores; e realizar a crítica interna do jornal”.¹³⁹

Ex-correspondente internacional da *Folha* em Paris e ex-secretário de redação Caio Túlio Costa soube aproveitar do momento para crescer em popularidade e notoriedade percebendo que “precisava polemizar e, para isso, escolheu o ícone mais vistoso”¹⁴⁰ do jornal – justamente Paulo Francis. Nas palavras do próprio ombudsman:

Quando aceitei o cargo de *ombudsman* sabia que teria de enfrentar o problema. Ignorar o fenômeno Paulo Francis – talvez o colunista de jornal mais agressivo e mais polêmico que o Brasil já teve – seria comprovar a debilidade de quem tinha obrigação de criticar o jornal. [...] Previa a possibilidade de trovoões e tempestades. Nada do acontecido, salvo a retirada de Paulo Francis, esteve muito além do previamente imaginado. (COSTA, 2006, 113)

¹³⁴ SÁ, 2012, p. 15

¹³⁵ BATISTA, 2015, p. 105

¹³⁶ *Ibidem*, p. 113

¹³⁷ *Ombudsman* “é uma palavra sueca que significa representante do cidadão. Designa nos países escandinavos, o ouvidor-geral – função pública criada para canalizar problemas e reclamações da população. [...] A função de *ombudsman* da imprensa foi criada nos Estados Unidos nos anos 60.” (PETRIK, 2006, p. 58)

¹³⁸ PETRIK, 2006, p. 59

¹³⁹ *Ibidem*

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 60

Foi então que publicou um artigo intitulado “Petismo, Paulo Francis e o mito de Narciso”, onde criticava a *Folha* por colocar em reportagem de capa (seguida da chamada de uma coluna de Paulo Francis) uma entrevista que Fernando Collor havia concedido ao jornal e desta forma sendo favorável ao mesmo. Nesta entrevista Collor:

defendia ser a proposta do PT radical e previa a conquista do poder com derramamento de sangue. Junto à matéria (‘Collor diz que PT prega banho de sangue’) surgia a opinião de Francis, funcionando quase como se fosse a voz do jornal, com a coluna ‘Lula coloca o país no nível da Nicarágua’.¹⁴¹

Devido a grande recepção da coluna entre o público que se dividiu em torcida a favor e contrária a Francis, a torcida contrária em maior número, o jornalista Caio Túlio Costa percebeu que se produzisse um texto jornalístico estruturado e racional não seduziria os leitores, e então começa a polemizar e fazer uso da mesma “forma e estilo de quem criticava, em nome da pureza factual do jornalismo.”¹⁴² Ao longo da repercussão gerada o tema da polêmica, inclusive, deixa de ser o equívoco editorial da *Folha* e passa a ser o próprio jornalista Paulo Francis. Desta forma Caio Túlio Costa começa a se orientar pelo objetivo de categorizar Francis e mostrar que o mesmo, principalmente em sua coluna de variedades no caderno cultural da *Ilustrada*, não tinha compromisso “com ninguém, a não ser com sua cabeça, cuja memória e capacidade de reflexão poucos brasileiros possuem igual”.¹⁴³

Em resumo, o principal ponto trazido por Manuel Petrik (2006) em sua dissertação de Mestrado sobre a polêmica enquanto recurso jornalístico e os polemistas Paulo Francis e Diogo Mainardi é que:

a contenda travada entre Costa e Francis [...] só corrobora a distância existente entre o polemista e o jornalismo *mainstream*, sendo o primeiro fruto do segundo numa relação complexa e dialógica na sua complementaridade. [...] Trata-se de um personagem marginal, que se estabelece, por contraste e por considerar a alteridade, em relação ao curso principal do “bom senso”, sempre perseguido pelo jornalismo imparcial. (PETRIK, 2006, p. 66)

¹⁴¹ *Ibidem*

¹⁴² PETRIK, 2006, p. 59

¹⁴³ COSTA, 2006, p. 116

Em dezembro de 1990 o jornalista Paulo Francis é compulsoriamente obrigado a deixar a *Folha de São Paulo* por conta das desavenças com o *ombudsman* Caio Túlio Costa e uma certa:

incompatibilidade com a direção do jornal. [...] A saída rendeu mais uma coluna ao *ombudsman*, *A primeira morte de Paulo Francis*, na qual vaticinava um futuro sombrio ao colunista em *O Estado de São Paulo*, por perda de visibilidade, o que em sua opinião ocorrera com gente como Luiz Fernando Veríssimo e Telmo Martino. (PETRIK, 2006, p. 71)

Desta forma após 15 anos escrevendo no jornal *Folha de São Paulo* de 1975 a 1990, Paulo Francis acaba aceitando:

o convite do rival *O Estado de São Paulo* e o “Diário da Corte” muda de endereço a partir de dezembro de 1990. [...] A mudança foi fruto de longas negociações que se arrastaram por quase um ano e envolverem até o diretor-responsável Júlio de Mesquita Neto. [...] Grande alarde foi feito pelo Estadão da sua nova contratação e até o suposto salário acabou vazando pela imprensa: por volta de US\$ 15 mil. [...] Na época sob a direção de Augusto Nunes, o diário tentava recuperar o terreno perdido nos anos 1980 quando uma profunda reforma fez da *Folha* o maior jornal do país em tiragem (média de 350 mil exemplares em dias úteis, contra 210 mil do Estadão. [...] A reforma de 1989/90 arejou como nunca o jornal. Visões plurais passaram a frequentar as páginas de opinião, o noticiário libertou-se da sombra da página 3, endereço dos bem redigidos editoriais. [...] Francis desembarcava numa redação em plena efervescência. E ajudou a animar ainda mais esse ambiente. (NOGUEIRA, 2010, p. 60)

Dentro do OESP Francis continua a construção do seu personagem de jornalista polêmico e ainda participa de duas contendas, uma com o “ex-amigo Antonio Houaiss”¹⁴⁴ e outra com “os sete diretores da Petrobrás, liderados pelo então presidente, Joel Rennó”¹⁴⁵.

A polêmica com os diretores da Petrobrás tem início no final de outubro de 1996 quando Francis sem aviso prévio, no programa *Manhattan Connection* do canal de TV pago GNT, acusa a diretoria da Petrobras de fazer parte de um

¹⁴⁴ PETRIK, 2006, p. 71. Antonio Houaiss foi um “filólogo, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras”. Memória Roda Vida – Disponível em:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/458/entrevistados/antonio_houaiss_1990.htm

¹⁴⁵ BASSO, 2014. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/justica-paulo-francis-ainda-que-tardia-21469/>

esquema de desvio de recursos, mantendo contas em paraísos fiscais. Segundo o também jornalista Lucas Mendes que dividia com Francis a mesa de jornalistas que compunham o programa juntamente com Caio Blinder e Nelson Motta – a denúncia foi feita como transcrito a seguir:

Francis: - Os diretores da Petrobras todos põem o dinheiro lá...(Suíça) tem conta de 60 milhões de dólares...

Lucas: - Olha que isso vai dar processo...

Francis: - É...um amigo meu advogado almoçou com um banqueiro suíço e eles falaram que bom mesmo é brasileiro (...) que coloca 50 milhões de dólares e deixa lá.

Lucas: - Os diretores da Petrobras tem 50 milhões de dólares?

Francis: - Ahh é claro... imaginem... roubam... superfaturamento...é a maior quadrilha que já existiu no Brasil. (MENDES, 2014. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128_lucas_francis_petrobras).

Quando desta polêmica com os diretores da Petrobrás, Paulo Nogueira afirma que a reação da imprensa de maneira geral foi ficar sem silêncio com relação ao caso, havendo “um silêncio eloquente da maioria dos colegas jornalistas”¹⁴⁶ que não saíram em apoio ao Francis, o que teria segundo o biógrafo o magoado profundamente.

O então senador José Serra intercedeu junto ao presidente Fernando Henrique Cardoso, que até ali se mantivera omissivo, embora fosse amigo de Francis, para se chegar a um acordo com a estatal. “FHC nada fez, o que também decepcionou profundamente Francis”, conta Sônia Nolasco, a esposa do jornalista. (NOGUEIRA, 2010, p.19)

Na imprensa escrita a polêmica tem início no “Diário da Corte” de 05 de dezembro de 1996 em que Francis inicia seu texto da seguinte maneira:

Diretores da Petrobrás me processam por US\$ 100 milhões. Devem achar que tenho acesso irrestrito ao Tesouro, como eles. Os US\$ 100 milhões em soam como o 13º dos diretores da empresa. [...] É evidente que toquei num nervo da Petrossauro. Mais evidente que querem me intimidar.

¹⁴⁶ NOGUEIRA, 2010, p 19

Waal, começam as investigações. Fiquem sintonizados neste espaço. (FRANCIS, OESP, 05.12.1996)

O jornalista Lucas Mendes lembra que o valor US\$ 100 milhões pode ter sido uma invenção do Francis para polemizar um pouco, afinal ele próprio leu a carta de intimação dos advogados dos diretores e em momento algum é citado este valor. Tão logo Francis morreu a contenda se encerrou “e o processo acabou arquivado por inadequação de foro: o juiz americano considerou que a denúncia deveria ser feita em cortes brasileiras”.¹⁴⁷ Ser processado fora do Brasil era justamente a maior preocupação do jornalista, que temia uma falência súbita de todo o seu patrimônio.

Sentindo desde que iniciara o processo da Petrobrás “terríveis dores no ombro”¹⁴⁸, diagnosticada pelo seu médico Jesus Cheda como bursite, Paulo Francis acabou morrendo em 4 de fevereiro de 1997 por um “um enfarte fulminante no duplex em que morava com a mulher, Sonia Nolasco, na Dag Hammarskjöld Plaza, vizinha da ONU, em Manhattan.”¹⁴⁹ Não há como ter certeza e precisão da influência desta polêmica na morte do jornalista, o fato é que todo aquele processo o fizera se desgastar muito em rápidos quatro meses.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 20

¹⁴⁸ *Ibidem*, P. 15

¹⁴⁹ KUCINSKI, 2000. Disponível em: http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=407.

2 CRÍTICA CULTURAL E A POLÊMICA COM A ATRIZ TÔNIA CARRERO

Dizem que ofendo as pessoas. É um erro. Trato as pessoas como adultas. Critico-as. É tão incomum isso na nossa imprensa que as pessoas acham que crítica é ofensa. Crítica não é raiva. É crítica. Às vezes é estúpida. O leitor que julgue. (FRANCIS, Paulo)

Neste item tentarei esboçar um panorama das transformações sócio históricas ocorridas no jornalismo brasileiro a partir da segunda metade do século XX e as quais Francis acompanhou muito de perto, me detendo mais especificamente nas transformações que ocorreram enquanto foi crítico de teatro e cultura.

Por fim, mostrarei como o Paulo Francis crítico cultural mesmo estando à frente de um projeto de renovação e modernização do teatro brasileiro no final da década de 1950 e início da década de 1960, se portou também de maneira conservadora, porque machista e sexista no episódio polêmico entre ele e a atriz Tônia Carrero.

2.1 A crítica cultural nos anos 1950

No Brasil a produção intelectual na década de 1950 foi profundamente marcada pelo “debate de ideias políticas, pelo anticomunismo, pela elaboração de projetos de desenvolvimento, e pela ideologia do nacional-desenvolvimentismo”.¹⁵⁰ Foi um período de democracia e por isso de livre trânsito de ideias e do desabrochar da criatividade em todos os setores do conhecimento. Tempos de ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) que se apresentava como um órgão de vanguarda do pensamento progressista, de renovação do pensamento católico através da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil de 1952, a CNBB, dos primeiros passos do Cinema Novo, do Teatro Novo, de início da Bossa Nova, – movimento que incorporou o Jazz e o Bebop americano ao samba – e amadurecimento da

¹⁵⁰ ABREU, 2008, p. 13

literatura nacional que se sofisticou, sobretudo com o romance regional e a publicação de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa.¹⁵¹

A cidade do Rio de Janeiro em que o jornalista Paulo Francis tornou-se homem adulto e jornalista, crítico de teatro e cultura¹⁵², era então o centro cultural e político do país, ainda que em 1960 a capital federal tenha sido transferida de lá para Brasília. E segundo Francis (1980) em suas memórias, parecia mais uma vila, sem violência e assaltos, de onde todos se conheciam ao menos de vista.

O jornalista se lembra sempre com saudosismo e entusiasmo deste período, em que “saindo do trabalho, tomava um banho e um uísque inaugural, partia para o jantar em restaurantes franceses e arrematava a noite bebendo no Jirau em ecléticas mesas que abrigavam donos de jornal, *playboys* e intelectuais”.¹⁵³

Com relação às transformações no campo jornalístico, Alzira Alves Abreu (2008) mostra em estudo, os atores que introduziram as novidades da época quando:

um grupo de jornalista altamente qualificados do *Diário Carioca*, jornal inovador no uso do *lead*¹⁵⁴ e o primeiro a empregar equipe de *copidesque*¹⁵⁵ em sua redação, começou a desempenhar papel de formador de novos quadros para a imprensa. Foi nesses anos que se deu a reforma do *Jornal do Brasil*, reforma que teve grande impacto sobre as transformações subseqüentes na imprensa brasileira. (ABREU, 2008, p. 15)

E mais, com as mudanças que ocorrem na estrutura produtiva do país a partir do pós-guerra, com variadas conseqüências e mudanças:

teve início o processo de formação de uma sociedade de consumo em que cada setor da cultura se desenvolveu de forma diferenciada. O teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o disco, a publicidade, as editoras foram se estruturando como indústria de massas ao longo dessa década para

¹⁵¹ ABREU, 2008, p. 13

¹⁵² “Paulo Francis foi crítico de teatro da *Revista de Semana* (1956-1957), do *Diário Carioca* (1959-1962), do *Última Hora* (1959-1962), (editor assistente) da revista *Senhor* 1958-1962); crítico de cinema do *Jornal do cinema* em 1956 e do *Jornal do Brasil* em 1957. No JB ele também escreveu no *Suplemento Literário* durante os anos de 1960 e 1961. Foi ainda articulista e editor do Quarto Caderno (suplemento cultural) do *Correio da Manhã*.” (FONSECA, 2001, p. 42)

¹⁵³ NOGUEIRA, 2010, p. 33

¹⁵⁴ Parágrafo curto que resume em poucas linhas a notícia.

¹⁵⁵ Revisão de texto a ser publicado, tendo em vista a correção ortográfica e gramatical, a clareza, a adequação às normas editoriais, os cortes para se obter a extensão devida etc. (Fonte: Wikipédia)

finalmente atingir nas décadas seguintes, a configuração de uma indústria de bens culturais. [...]. (Também) nos anos 50 começaram os investimentos no setor publicitário [...] (sendo) criada em 1951 a primeira escola de propaganda, a Casper Líbero, em São Paulo. [...] Os jornais passaram a obter 80% de sua receita dos anunciantes. Como mostra Juarez Bahia, a “unidade de medida do crescimento dos jornais e dos outros veículos de comunicação deixa de ser a notícia apoiada nos classificados para ser a publicidade. Ela compreende toda forma de ocupação do espaço administrada por uma tabela de preços calculada em centímetro de coluna ou em frações de tempo no rádio e na televisão”. (ABREU, 2008, p. 16-17)

Em outro estudo, mas que partilha de algumas das fontes utilizadas por Abreu (2008) Marialva Barbosa (2007) acredita que esta modernização da imprensa brasileira, na verdade, aconteceu mais cedo, antes mesmo do Estado Novo onde “com a introdução do conceito de moderno, se separou o noticiário de informação e o de opinião, relegando este a um plano secundário, o que deu início à lenta e persistente busca do discurso que espelha o mundo a partir da padronização da linguagem”.¹⁵⁶ Para esta autora, que utiliza como fonte para seu estudo os depoimentos de vários jornalistas ao CPDOC/FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas) a década de 1950 irá passar pelas narrativas dos principais jornalistas como o início da nova imprensa brasileira. Mas o que há de fato é a construção naquele momento da autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da profissão jornalística. Entre os jornalistas que viveram o período, há a reconstrução de um momento quase mítico do jornalismo carioca (estudado pela autora).

Tendo por base a leitura de Bourdieu, Barbosa (2007) diz que os anos 1950 longe de representarem uma ruptura são o período de CONSOLIDAÇÃO das transformações por que vinha passando a imprensa desde o início do século, num processo que é cumulativo de experiências desenvolvidas, onde se há inovações e rupturas, há também continuidades e permanências:

Os três jornais com tiragens menos expressivas na época – *Diário Carioca*, *Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Brasil* – é que construirão a mítica da modernização, reafirmada exaustivamente pelo discurso memorável dos personagens

¹⁵⁶ BARBOSA, 2007, p. 157

que se auto apregoam responsáveis por esse processo, como Alberto Dines, Pompeu de Souza e Luís Paulistano. O *Diário Carioca* passaria a história como o criador do texto objetivo [...] O *Jornal do Brasil* o responsável pela segunda revolução da década com as mudanças implementadas a partir de 1956 [...] Da mesma forma, a *Tribuna da Imprensa* [...] implanta a inovação graças a determinações emanadas do seu fundador, o político Carlos Lacerda. (BARBOSA, 2007, 157)

Com relação à mudança produzida na linguagem que passa a ser mais objetiva e neutra esta tem por função fazer do jornalismo a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor, revestindo-o de uma aura de fidelidade aos fatos, o que lhe confere considerável poder simbólico. Temos na verdade a memória de verdadeiros jornalistas (por vocação e cumprindo quase que uma missão divina) que criaram também o verdadeiro jornalismo. É bem difícil em ambas estas histórias dar crédito a apenas uma pessoa como responsável por todas as mudanças que ocorreram, assim como a autoria das reformas é sempre um campo de disputas simbólicas que mobiliza a memória e a vaidade dos jornalistas.

Para Barbosa (2007) o que possibilita a profissionalização do jornalismo no país é a idealização do seu papel como único intermediário entre o público e o poder público, e isto mais do que propriamente servir à democracia.

Com relação ao jornalista Paulo Francis este fazia parte de uma geração de intelectuais-jornalistas que foram abrigados pelos jornais do período (década de 1950-60), nascida no final do século XIX como por exemplo Oswald de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Cecília Meireles e Ferreira Gullar. Mais precisamente fez parte “da turma de jovens colaboradores incorporados aos chamados suplementos literários dos jornais na segunda metade da década de 1950”.¹⁵⁷ Predominante neste espaço a que pertenceu estava o tipo de intelectual ideológico, não acadêmico e politicamente engajado (sobretudo em finais da década) exatamente como ele. O suplemento dominical mantido pelo *Diário Carioca*:

foi ampliado, dando grande ênfase à divulgação das revistas literárias, comentando seu conteúdo e seus colaboradores. Em junho de 1955 sofreu nova reestruturação: nas duas primeiras páginas o espaço era inteiramente dedicado ao resumo das notícias políticas, econômicas e internacionais da semana. A seção “Letras e Artes”, antes ocupando duas

¹⁵⁷ ABREU, 2008, p. 55

páginas, passou a ter somente uma, sendo aumentada a seção sobre lançamento de livros. Desapareceu a colaboração dos escritores, poetas, cronistas, etc.¹⁵⁸ A partir de então, Saldanha Coelho passou a assinar semanalmente a crônica literária e foi dando a ela um conteúdo político. Em 1958, o suplemento incluiu como colaborador Paulo Francis, que escrevia principalmente sobre temas ligados ao teatro. (ABREU, 2008, p. 55)

Em seu estudo Alzira Alves Abreu (2008) constatou que estes suplementos deixaram, ao longo deste período, de serem o espaço da crítica e do debate de ideias para se “tornarem o que são hoje, resenhadores dos novos lançamentos editoriais. [...] Observa-se que a crítica vai perdendo espaço e se acantonando na universidade”.¹⁵⁹ O que nos leva a pensar que Francis foi crítico cultural num tempo em que a crítica e o jornalismo de opinião estavam deixando de ser a forma predominante de se fazer jornalismo. Segundo Abreu (2008) o que havia era uma transição do jornalismo de combate, de doutrina e de opinião – de influência francesa – para um jornalismo que privilegia a informação objetiva e impessoal da notícia separada do comentário pessoal – de influência americana.

Segundo Alexandre Fonseca (2001) “Paulo Francis, fazendo crítica teatral no *Diário Carioca*, participou diretamente da luta para a mudança do panorama teatral brasileiro, [...] erguendo um modelo cultural a ser seguido”¹⁶⁰ com enorme sucesso.

Da mesma maneira que o jornalismo, o teatro brasileiro passava por uma modernização na temática social e política, inclusive na linguagem, com uma nova geração de atores e autores. Foi um momento de grande investimento no setor, principalmente por parte do governo de São Paulo, o que permitiu a eclosão de novos textos, autores, diretores e atores e a encenação de peças nacionais e estrangeiras. Ali naquela cidade:

se formara em 1948 o TBC, empresariado por Franco Zampari (muito citado por Francis), que só queria saber de diretores estrangeiros (além de Ziembinski, Adolfo Celi e Luciano Salce), mas criou patamar inédito de profissionalismo e, assim como o Teatro Cacilda Becker e o

¹⁵⁸ Ainda no início do século XX a atividade literária e jornalística no Brasil eram quase indissociáveis, sendo na maioria dos casos os homens das letras também homens da imprensa, ou como o caso de Carlos Drummond de Andrade que colaborou a vida toda na imprensa, mas nem por isso é considerado um jornalista. Na década de 1950 este quadro começa a mudar com o “aparecimento da figura do ‘profissional da imprensa’, saído das faculdades de filosofia e dos cursos de jornalismo, com dedicação integral a profissão”. (ABREU, 2008, p. 27)

¹⁵⁹ ABREU, 2008, p. 10

¹⁶⁰ FONSECA, 2001, p. 9 e 38

Teatro Maria Della Costa, lançou e consagrou atores. (PIZA, 2004, p. 66)

Além disto, o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) “deu origem a outros grupos, como a Companhia Tônia-Celi-Autran”¹⁶¹ que juntos de outras novas experiências, entre elas o Teatro de Arena e o Oficina formava a “nova geração” que apesar de não serem grupos homogêneos “tinham preocupações em comum”.¹⁶²

Basicamente o que o jornalista Paulo Francis fez como crítico cultural foi “atacar” a velha guarda que compunha a cena representada pelas companhias de “Alda Garrido, Procópio Ferreira, Dercy Gonçalves, Eva Todor e Oscarito, [...] que faziam um teatro sem a figura do encenador, às vezes com a presença ainda do ponto e usando o texto como mero pretexto para o histrionismo”.¹⁶³

Francis fazia parte também da chamada Nova Crítica – “engajada na defesa da modernidade do Teatro Brasileiro, em oposição a um teatro feito à moda antiga”¹⁶⁴ – que tinha segundo o próprio jornalista como missão, ser o tanto quanto possível imparcial, inclusive com os novos atores da “nova geração”, atacando inovações mal feitas, criticando os melhores amigos quando lhe pareciam falhar ou lhe desapontavam, sempre com uma dose mais ou menos elevada de polemismo, e um tom jornalístico de estilo “coloquial e virulento”¹⁶⁵. Segundo Francis em suas memórias:

Primeiro iniciei campanha de desmoralização sistemática da Velha Guarda, o que incluía empresas, atores e críticos, a meu ver, coniventes. Depois enfatizei a importância dos textos. Às vezes, antes de criticar espetáculos, consumia colunas (e dias) discutindo a dramaturgia. Terceiro, promovi os novos, autores, diretores e atores brasileiros que me pareciam a chance de sairmos do retrogrado e criar algo novo e expressivo da nossa cultura. Não ataquei os estrangeiros, de Celi a Ziembinski, os quais me pareciam contribuir à reforma, e á parte, isso, nunca fui chauvinista. Combati apenas as pretensões excessivas do Teatro Brasileiro de Comédia, excessivas em relação a resultados, e o chauvinismo estrangeiro do empresário, Franco Zampari. (FRANCIS, 1980, p. 123)

¹⁶¹ FONSECA, 2001, p. 9 e 38

¹⁶² *Ibidem*

¹⁶³ *Ibidem*, p. 39

¹⁶⁴ MOURA, 2008, p. 47-8

¹⁶⁵ FONSECA, *op. cit.* p. 42

Por esta época Francis também refez a reputação de Nelson Rodrigues, segundo ele um autor que estava esquecido e insultado “por uma corja de reacionários”,¹⁶⁶ até que em 1958 comete um ataque gratuito e pessoal à atriz Tônia Carrero ao escrever uma coluna na qual a ofende com frases como “nunca dormimos juntos que eu me lembro”, dando início de fato à construção de seu personagem como polemista. Em resposta, foi agredido por Paulo Autran, com uma cusparada, e depois por Adolfo Celi – marido de Tônia, que o procurou no “Teatro do Leme onde dirigia um espetáculo, e as versões diferentes dão como vitorioso do duelo ora Celi ora Francis”.¹⁶⁷

Segundo Manuel Petrik (2006), em sua dissertação de mestrado, o polemista é sempre aquele que desafia as verdades incontestáveis e consegue abalar crenças:

servindo de cimento no vínculo cotidiano entre os leitores. [...] Regozija-se em subverter a lógica estabelecida e colecionar detratores [...] transcendendo a sua órbita de mero cronista formador de opinião e êmulo dos debates para se tornar um personagem de si mesmo. É nessa condição que se eterniza na mente, inclusive dos seus não leitores. (PETRIK, 2006, p.7-9)

Neste estudo, Petrik buscou analisar as polêmicas produzidas e articuladas por dois cronistas, Paulo Francis e Diogo Mainardi, partindo de pressupostos teóricos da linguística e da comunicação. Para este autor a polêmica com a atriz Tônia Carrero “se arrastou para fora do meio impresso, numa prova que como forma de comunicação ruidosa, transcende o discurso e estende-se pela cenografia traçada por cada *ethos*”.¹⁶⁸

Todo o mal entendido tivera início porque Tônia Carrero:

teria dito num debate na TV Tupi, cujo tema era a crítica teatral, que Paulo Francis era “sexy”. Logo o cronista Antônio Maria, no jornal O Globo, solta uma nota, onde insinua se o termo “sexy”, dito por Carrero, não seria um questionamento da masculinidade de Francis. (MOURA, 1996, p. 73)

¹⁶⁶ FRANCIS, 1980, p. 120

¹⁶⁷ MOURA, 1996, p. 78

¹⁶⁸ PETRIK, 2006, p. 56

Em resposta Francis ataca Tônia trazendo argumentos que chamarei de sexistas e machistas. Como crítico de cultura o jornalista se colocava como mestre, adotando um tom virulento na defesa do que chamou de “teatro como instrumento de cultura. Mestre dos mestres em suas certezas provisórias, Paulo Francis engajou-se sempre ao lado do que estava sintonizado com a modernidade cênica brasileira”¹⁶⁹. Os temas que elegeu a serem defendidos segundo George Moura (1966) eram: o dramaturgo nacional, o dramaturgo estrangeiro como ponto de referência cultural e exemplo pedagógico, a necessidade de companhias estáveis, a urgência de criação de boas escolas de teatro e uma política cultural do Estado, com subsídios para a arte. E atacou principalmente: o teatro feito sem preocupações culturais, as companhias que se guiavam pelo vedetismo de suas estrelas e não por um repertório cultural, os bons profissionais que, com fama, se cristalizaram esteticamente e passaram a viver das glórias do passado, os críticos publicistas que recebiam dinheiro para publicar elogios ou os críticos que não tinham coragem de confrontar ideias sobre o teatro e a política cultural de troca de favores mantida pelo Estado e pelo Município, privilegiando amigos e não valores culturais.

Entretanto, ainda que o jornalista defendesse e estivesse à frente de um projeto de teatro moderno, renovador e progressista como mostrado acima, ao lidar com a polêmica com a atriz Tônia Carrero se portou de maneira extremante machista e sexista, e por isto conservadora.

A seguir a resposta de Francis à publicação de Antônio Maria de um comentário feito por Tônia a seu respeito:

O máximo que fiz até hoje, foi sugerir que Tonia Carrero é uma atrizinha como existem por aí às dúzias, um fantoche manejado por Adolfo Celi. [...] O prestígio de Tônia Carrero se deve à publicidade que se faz em torno de sua beleza que, atualmente, vive às custas da galvanização de salões de senhoras, pois o tempo passa e com ele, qualquer mulher bonita. [...] Tônia vai a um desses cavalheiros cuja profissão é escrever notas bajulando celebridades, ou descrever o que comeu no dia anterior, como se sua alimentação fosse do interesse de todos, como se fosse um bebê com elefantíase a quem todos se preocupam em alimentar bem, ao menos, para minorar-lhe a anomalia. Diz, então que sou muito ‘sexy’. Ora, este termo, quando empregado para homens nos botequins de luxo do Rio, é sinônimo de homossexual. Não sei onde Tônia colheu esta

¹⁶⁹ MOURA, 1996, p. 166

informação a meu respeito. Nunca dormimos juntos, a que eu me lembre, para que ela possa manifestar-se sobre a minha virilidade. É possível que vedeta esteja me confundindo com alguns dos seus colegas de palco. [...] o ‘dossier’ de Tônia Carrero comporta muito mais do que o meu. O que sei sobre sua vida privada caberia num romance do tamanho de *As mulheres fatais* de Cláudio de Sousa, ou qualquer outro romance barato, com pretensões a respeitabilidade. Nunca usei este material aqui, pois não me agrada esse tipo de literatura. Tônia talvez se interesse em saber que já me foram oferecidas cópias das fotos para que ela posou em trajes menores e posições provocantes, fotos que foram publicadas numa revista pornográfica americana, *Nugget*. Recusei a oferta pelo motivo já alegado. E há muito mais: temos a história do imposto de transmissão que ela teria pago para ingressar na Cia. Cinematográfica Vera Cruz, uma história possivelmente mal contada, mas que é do conhecimento de qualquer aspirante a vaga-lume de teatro. E quanto à maneira como ascendeu ao estrelato no TBC, os fatos já são de domínio público. E vamos parar por aqui. (FRANCIS *apud* MOURA, 2006, p. 75-77)

Na leitura do trecho acima, notamos o quanto Francis tentou desqualificar Tônia por atributos estéticos, uma vez que ela só teria alçado reconhecimento por ser bonita – um argumento machista -, e atributos sexuais uma vez que para alcançar o estrelato teria feito fotos semipornográficas e até talvez se relacionado sexualmente com algumas pessoas - um argumento sexista. O jornalista em momento algum abandonou um ponto de vista que Bourdieu (2002a) chamou de arbitrário cultural ao tratar este autor da “dominação masculina” a partir de uma perspectiva simbólica. O que Francis operou foi uma violência simbólica contra Tônia “dissimulando relações de força que sustentam a própria força”.¹⁷⁰ Além disto, Francis esqueceu-se, ao julgar Tônia, que “a dominação dos homens sobre a mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas”¹⁷¹ fazem parte da formulação de todo e qualquer tipo de contrato social.

Para o crítico Henrique Oscar, que dividia o colonismo com Francis no *Diário Carioca* e também integrava como ele o Círculo Independente de Críticos Teatrais (CICT) em entrevista para George Moura (2008) “o artigo de Francis foi equivocado

¹⁷⁰ BOURDIEU, 2002, p. 3-5

¹⁷¹ PATEMAN, 1993, p. 16

não apenas pelo tom, mas principalmente pelo fato dele atacar um grupo que estava do nosso lado na renovação da cena brasileira.”¹⁷²

¹⁷² MOURA, 2008, p. 78

3 CONSERVADORISMO, DEMOCRACIA E O HORROR ÀS MASSAS

“Lá fiquei eu matutando na causa desse convite gentil e inesperado. Faríamos um duelo de cuspe, como é frequente na Constituinte? Sobre o que conversaríamos?” (FRANCIS, Paulo a respeito do convite de Ulysses Guimarães para conversarem em 1988)

“A ressurreição inaugurou o Kitsch na nossa cultura. Foi o primeiro final feliz do tipo devorado insaciavelmente pelas massas, para quem a realidade é incompreensível e intolerável” (FRANCIS, Paulo. 1988)

Suas opiniões sobre cultura são as mais interessantes, e polêmicas quase sempre. Dos movimentos culturais brasileiros a música erudita, do cinema ao teatro, nada escapa à sua fina ironia e à sua amargura, esta cada vez mais evidente contra fenômenos contemporâneos. (FISHER, Luís Augusto)

Este item trará dois momentos do jornalista Paulo Francis, o primeiro enquanto escreveu na coluna “Diária da Corte” no jornal *Folha de São Paulo* de 1975 até 1990, e o segundo enquanto escreveu uma coluna do mesmo nome no jornal *O Estado de São Paulo* de 1991 até 1997. Com relação ao Brasil será analisado o contexto da redemocratização (a partir de 1979) que é segundo Lidiane Friderichs (2016) coincidente com a chegada ao país das ideias neoliberais. Com relação aos EUA, uma vez que o jornalista vivia em Nova York, mas, lançava seu olhar para o Brasil influenciado pelos acontecimentos políticos de ambos os países, o contexto é a eleição de Ronald Reagan (1981-1989) que segundo Robert Nisbet:

Deve ser considerada o toque final de uma estrutura conservadora que se formou ao longo de trinta anos e que não era só de caráter político, mas também cultural e intelectual com nomes de intelectuais notáveis, jornais de circulação e influência nacional, centros e institutos conservadores. (NISBET, 1987, p. 156)

Por fim mostrarei como nos últimos quatro meses de vida, enquanto vivia a iminência de ser processado pelos diretores da Petrobrás, Paulo Francis deu algumas mostras da sua adesão parcial à corrente neoliberal conservadora de Friedrich Hayek.

3.1 Tempos de “Diário da Corte”

Após a decretação pelo governo militar do AI-5 (Ato Institucional nº5 – o mais repressor de todos os atos editados até então pelos militares) o jornalista Paulo Francis passa algum tempo desempregado, é preso quatro vezes por motivos insignificantes – um deles ser confundido como um dos sequestradores do embaixador americano Charles Elbrick sequestrado na verdade por Fernando Gabeira, Vladimir Palmeira e José Dirceu – até que em 1971 toma a decisão definitiva de deixar o país, com a ajuda de uma bolsa recebida pela Fundação Ford, como já foi mostrado no capítulo 1.

Em 1975 começa a trabalhar no jornal *Folha de São Paulo*, primeiro como colaborador, depois como correspondente internacional a convite do jornalista Claudio Abramo – que naquele momento promovia uma grande reforma na *Folha*, “após ser contratado por (Otávio) Frias para pilotar a redação do jornal”¹⁷³ transformando-o nos anos seguintes no jornal de maior tiragem do país.¹⁷⁴

Enquanto escreveu na *Folha* o jornalista Paulo Francis acompanhou mesmo a distância o processo lento e gradual de redemocratização brasileira, que tem início ainda em 1979 com a aprovação da Lei da Anistia, e culminaria com o fim do regime militar em 1985. Escrevendo de Nova York, mas com o olhar voltado para o Brasil, Francis fora influenciado por este processo e a conseqüente “recomposição das direitas em torno de um novo bloco econômico e político – o neoliberalismo”.¹⁷⁵ Segundo Friderichs (2016), a preocupação das classes empresariais neste momento era justamente que com a redação de uma nova Constituição e “um processo eleitoral mais amplo, seus interesses poderiam perder espaço frente a projetos ligados a grupos de esquerda”.¹⁷⁶

¹⁷³ GONÇALVES, 2008, p. 36

¹⁷⁴ Cf. ABRAMO, 1988

¹⁷⁵ Para divulgar e ampliar o entendimento sobre um determinado projeto para o país alinhado a esta concepção de economia foram fundados alguns institutos, conhecidos como *Think Tanks* (TTs) que passaram a congregiar uma série de empresas e de dirigentes empresariais, com o objetivo de tornar coesas as propostas desse grupo e divulgar entre seus pares e para a sociedade em geral o neoliberalismo, que era apresentado como uma solução inovadora para os problemas que impediam o desenvolvimento dos países latinoamericanos. [...] Dois institutos tiveram importante papel na divulgação das ideias neoliberais no Brasil no contexto da redemocratização, foram eles o Instituto de Estudos Empresarias e o Instituto Liberal, ambos continuam atuando até os dias de hoje. (FRIDERICHS, 2016, p. 110-111-115)

¹⁷⁶ FRIDERICHS, 2016, p. 110

Esta nova fase democrática do Estado brasileiro, também chamada de Nova República, teve como marco a elaboração e promulgação de uma nova Constituição no ano de 1988 por uma Assembleia Constituinte liderada pelo político Ulysses Guimarães – a quem Francis não poupava grossuras e polemismo, e o apelidou de velho Tuta, “em referência à múmia de Tutancâmon, para sublinhar a idade do líder do PMDB”.¹⁷⁷ Para Daniel Piza (2004):

Francis tinha a nítida sensação de que o Brasil estava escolhendo rumos inadequados em sua ânsia de democratização. Sobre a Constituinte de 1988, não poupou ataques. À parte grossuras, como a de dizer que o peemedebista Ulysses Guimarães tinha mal hálito, era capaz de juízos definitivos, como quando leu a Constituição promulgada no ano seguinte e decretou: ‘Acabei lendo a Constituição de 245 artigos. Os empreiteiros e senhores de terra levaram tudo que quiseram. O de costume’. (PIZA, 2004, p.84)

Alcunhada pelo próprio Ulysses Guimarães¹⁷⁸ de “Constituição Cidadã”, “Constituição coragem”, “Constituição Federativa” e outros, a Constituinte de 1988 trouxe algumas novidades em seu texto, representando não só o retorno dos direitos civis e políticos (como definidos pelo sociólogo T. H. Marshall¹⁷⁹) como também a extensão dos direitos sociais. Após muitos recuos e avanços da democracia brasileira desde a primeira Constituição de 1824 outorgada por D. Pedro I, a Constituição de 1988 também alargou:

O exercício da democracia, em participativa além de representativa. [...] O povo passou a ter a iniciativa de leis. Mais do que isso, o povo se tornou o superlegislador,

¹⁷⁷ SÁ, 2012, p. 316

¹⁷⁸ GUIMARÃES, Ulysses. Discurso proferido na sessão de 5 de outubro de 1988. Câmara dos deputados. Escrevendo a História – Série Brasileira. P. 5. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/25-anos-da-constituicao-de-1988/constituente-1987-1988/pdf/Ulysses%20Guimaraes%20-%20DISCURSO%20%20REVISADO.pdf/>.

¹⁷⁹ Thomas H. Marshall (1873-1982) foi um historiador e sociólogo britânico, que estudou principalmente o problema da cidadania e a relação entre a democracia econômica e a política. Ele argumentava que há uma contradição básica entre os direitos políticos dos cidadãos – tal como bem-estar – e a desigualdade de classe social, da forma modelada pelo capitalismo. A maneira como a desigualdade de classe afeta a democracia política e com esta ameaça a base da desigualdade de classe constituíram tema importante em sua obra, que é em geral considerada crucial para entender a cidadania como fenômeno social. (JOHNSON, 1997, 272)

habilitado a rejeitar, pelo referendo, projetos aprovados pelo Parlamento”.¹⁸⁰

Além de ter sido um crítico da nova Constituição e de Ulysses Guimarães, Paulo Francis também se posicionou contrariamente ao movimento popular pelas “Diretas Já!” de 1984 que pedia eleições diretas para a Presidência da República. A respeito do assunto o jornalista escreveu:

Leio que 90 por cento dos brasileiros querem as diretas. Este jornal encabeça a campanha. E convenhamos que gente com menos de 42 anos nunca votou em presidente. Votei em vários. A alternativa era pior, mas ainda assim votei contra a minha vontade. Não era excentricidade. Ninguém deu certo. Mas se tenta sempre o mal menor. Agora é preciso sempre lembrar que diretas não são necessariamente mais democráticas do que indiretas. No parlamentarismo o líder é eleito pelos deputados. O povo escolhe os deputados, não o líder. Logo, o povo escolhe indiretamente o líder. Alguém diria que o parlamentarismo é menos democrático do que o presidencialismo? Ao contrário. Se derruba um líder parlamentar com um mero voto de confiança. Os presidentes só caem por morte ou “impeachment”, antes do final do mandato. (FRANCIS, FSP, 23.02.1984)

Tomando como referência o conceito de democracia tal como elaborado por Norberto Bobbio (1986), é correto afirmar que Francis não acreditava na democracia enquanto algo estritamente necessário para a conquista da liberdade. Bobbio (1986) não faz exatamente uma definição de democracia, mas trabalha com a ideia de ser este sistema político algo que possui “o estar em transformação como seu estado natural”.¹⁸¹ Por isso fala a respeito do futuro da democracia e de suas transformações “sob a forma de promessas não cumpridas ou de contraste entre a democracia ideal tal como concebida por seus pais fundadores e a democracia real em que com maior ou menor participação, devemos viver cotidianamente”.¹⁸²

Para Norberto Bobbio:

¹⁸⁰ GUIMARÃES, Ulysses. Discurso proferido na sessão de 5 de outubro de 1988. Câmara dos deputados. Escrevendo a História – Série Brasileira. P. 5. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/25-anos-da-constituicao-de-1988/constituente-1987-1988/pdf/Ulysses%20Guimaraes%20-%20DISCURSO%20%20REVISADO.pdf/>.

¹⁸¹ BOBBIO, 1986, p. 10

¹⁸² *Ibidem*

O único modo de se chegar a um acordo quando se fala de democracia, entendida como contraposta a todas as formas de governo autocrático, é o de considerá-la caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos. (BOBBIO, 1986, p. 18)

A ênfase de Bobbio é dada, portanto, nos processos de tomadas de decisão coletivas, de forma que as regras do jogo estejam sempre bem claras para que o próprio jogo democrático possa acontecer. Além disso, para esse autor “o estado liberal é o pressuposto não só histórico, mas jurídico do estado democrático”¹⁸³, em resumo, sem liberdade não há democracia, sem democracia não há liberdade.

Para o jornalista Paulo Francis a liberdade é extremamente necessária, mas a democracia é algo que ele detesta, porém acaba suportando por saber desta premissa básica citada por Bobbio. Ao se referir ao dramaturgo Bernard Shaw Francis escreveu:

Talvez como Bernard Shaw eu não acredite no mal verdadeiro e sua erupção sempre me espante. [...] Shaw generosíssimo como pessoa, não podia conceber que alguém fosse intrinsecamente perverso. Era um defensor da liberdade, mas detestava a democracia. Quem de nós não, em silêncio? Mas aguentamos, porque sem democracia não há liberdade. (FRANCIS, OESP, 12.09.1994)

Num outro momento, Francis se refere à democracia como algo que não passa de um mito bem vendido pelos comerciais:

Liberdade é uma possibilidade no nosso mundo e merece ser defendida de todas as formas. O que inclui liberdade econômica. Mas o mito da democracia, como os comerciais que vemos *ad nauseam*, continua tão divulgado, batido, que é difícil encontrar alguém que o conteste, o que é até considerado prova de mau caráter e de “vocação fascista” nos círculos mais doidivas. (FRANCIS, FSP, 11.09.1988)

O assunto liberdade-democracia se repete numa entrevista feita pelo jornalista Hamilton dos Santos, publicada no jornal *O Estado de São Paulo* no ano de 1994, quando do lançamento do livro de Paulo Francis sobre o golpe militar,

¹⁸³ BOBBIO, 1986, p. 10

*Trinta anos esta noite*¹⁸⁴. A certa altura da entrevista Hamilton dos Santos declara que, no livro, Francis afirma que

o 64 começou com uma defesa de uma revolução comunista inexistente. [...] JK foi a Escola Superior de Guerra pedir que esta instituição se dedicasse ao estudo [...] de uma potencial ameaça subversiva de forças sociais desencadeadas pela modernização contra a ordem vigente. [...] Foi quando o aparato repressivo do Estado cresceu e as forças armadas passaram a se preocupar menos com a defesa do território que com a repressão ideológica. [...] É aceitável pensar que o 1964 começa aqui (na criação da Escola Superior de Guerra) e que JK teria aumentado a cultura golpista nas forças Armadas? (SANTOS, OESP, 19.03.1994)

Então Francis responde:

JK cometeu talvez um enorme erro como mostro no meu livro em fazer o PSD, partido majoritário no Congresso de que era líder votar em Castelo Branco. Digo “talvez” porque mais e mais me convenço que a modernização do Brasil é extremamente difícil em plena democracia. Gosto de liberdade. Posso viver sem democracia. (FRANCIS, OESP, 19.03.1994)

Em uma coluna escrita no ano de 1994 o jornalista declarou:

Sou republicano e não democrata, isto é, acredito em liberdades públicas, mas não em voto popular. Poderia até mudar de opinião, se a) o voto não fosse obrigatório e, portanto, comprado, como é na maior parte do Brasil; b) se fosse um homem, ou mulher, um voto, e não como hoje, em que o voto dos pequenos vale centenas de vezes o voto de um paulista, digamos. (FRANCIS, OESP, 30.01.1994)

No trecho acima Francis está possivelmente se autodeclarando republicano em referência ao grande partido americano que historicamente é “a favor da redução nos impostos e nos gastos do governo”¹⁸⁵, crendo ser o setor privado o motor da economia, diferentemente do partido democrata que sempre foi a favor “de um

¹⁸⁴ FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite: o que vi e vivi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. É neste livro que Francis traz algumas de suas opiniões sobre a democracia afirmando que “liberdade é mais importante que democracia” e que “não acredita em voto popular”. (PIZA, 2004, p. 98)

¹⁸⁵ CHACRA, Guga. *Democratas versus Republicanos – Entendo o impasse em Washington*. O ESTADO DE SÃO PAULO, 27.06.2011. Disponível em:

<http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/democratas-versus-republicanos-entenda-o-impasse-em-washington/>

Estado ativo no processo econômico”¹⁸⁶ crendo que “o setor público, aliado ao privado, é que pode ser o responsável pelo crescimento”¹⁸⁷. O partido republicano tende nos EUA a ser mais conservador em questões sociais, e o democrata mais liberal, por isto o posicionamento do jornalista. No trecho também fica exposta a opinião de Francis a respeito da sub-representação paulista na composição do Congresso Nacional, de maneira que o voto popular no Brasil acabaria levando ao centro da política, em sua maioria, políticos oriundos das regiões mais atrasadas. Para Francis o povo brasileiro não saberia votar, e principalmente o nordestino, talvez por isto a sua descrença com relação ao voto popular. Em 1994 numa entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura o jornalista declarou:

eu prezo a democracia, prezo principalmente as liberdades públicas e sempre que há uma ditadura as liberdades públicas são prejudicadas. Eu, como jornalista, sou um acirrado defensor das liberdades públicas, mas o problema da democracia é que se formam esses blocos, você entende? Irredutíveis. Irracionais. É evidente que essa constituição-Frankenstein tem que sofrer uma revisão. Isso é uma constituição absolutamente absurda, que não tem pé nem cabeça econômica no mundo de hoje. Quero deixar bastante claro que eu gosto de liberdade, democracia, e acho que todo mundo tem direito a votar. Agora, o Brasil você sabe perfeitamente que o voto de certos estados vale 200 votos do voto de um paulista. [...] É um absurdo o voto de um pernambucano valer muito mais do que de um paulista, porque: "one man, one vote" [um homem, um voto]. Democracia é isso. Um homem, ou uma mulher, no caso. (PAULO FRANCIS EM..., 1994. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/35/francis/entrevistados/paulo_francis_1994.htm)

Desta forma temos aqui uma possível tese reacionária do jornalista Paulo Francis, como definido por Albert Hirschman (1992). Segundo este autor, tomando por base o esquema tripartite de T. H. Marshall em que “as dimensões civil, política e sócio econômica da cidadania foram instauradas de modo sequencial ao longo dos últimos três séculos”¹⁸⁸, a retórica conservadora tem a cada nova “aquisição” revolucionária ou alargamento de direitos democráticos contra argumentado segundo três tipos de argumentos diferentes, mas complementares. Um destes

¹⁸⁶ *Ibidem*

¹⁸⁷ *Ibidem*

¹⁸⁸ HIRSCHMAN, 1992, p. 76

argumentos é o da “tese da perversidade”, segundo a qual, no final das contas “todos os tiros saem pela culatra”,¹⁸⁹ ou seja, “a tentativa de empurrar a sociedade em uma determinada direção fará com que ela efetivamente se mova, mas na direção contrária.”¹⁹⁰ Dentro deste argumento a presença das massas tem um efeito perverso ou contrário ao inicialmente planejado, em outras palavras, “a participação das massas na política, mesmo na forma diluída do sufrágio universal pareceu aberrante e potencialmente perigosa à boa parte da elite europeia do século XIX”.¹⁹¹

Para o jornalista Paulo Francis este processo de democratização em que o “número de indivíduos com direito ao voto sofreu um progressivo alargamento”¹⁹² inevitavelmente, nivela por baixo, ou seja, tem um efeito contrário ao originalmente pretendido. Além disto, para o jornalista certos indivíduos pertencentes à elite estão naturalmente mais aptos a governar, e até a votar, mesmo após o liberalismo democrático ter implantado a igualdade jurídica em boa parte do mundo ocidental. Em uma de suas últimas colunas antes de falecer o jornalista escreveu:

Clinton é de família pobre, de gente que só começou a ter o direito de votar na primeira metade do século passado. Lembra certos senadores do nosso sertão, que fazem poços de água para lavar cavalos, negando-a aos flagelados, ou compram votos para os filhos por R\$ 5,00 per capita. Mentalidade raspa-barril. Antigamente nos EUA, só votava quem tinha propriedade e berço. Daí de Platão a Henry Adams se preferir uma república oligárquica à democracia representativa que, inevitavelmente, nivela por baixo. Júlio César, que era um populista operacional, vinha de uma das mais antigas famílias romanas, era um patrício e membro da ordem equestre, o clube mais exclusivo de Roma. Até os tarados Nero e Calígula eram ultra bem-nascidos, ainda que às vezes fruto de incesto, que acontece nas melhores famílias. O império Romano durou 2 mil anos. (FRANCIS, OESP, 30 de janeiro de 1997)

Através da leitura de todos estes trechos escritos por Francis, é possível perceber que o jornalista foi durante o período da redemocratização (a partir de 1979) uma voz conservadora-liberal dentro do jornalismo produzido pela mídia hegemônica nacional. Ao chamar a Constituição de 1988 de “constituição-Frankenstein” devendo a mesma “sofrer uma revisão”, pois seria “uma constituição

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 36

¹⁹⁰ *Ibidem*

¹⁹¹ *Ibidem*

¹⁹² BOBBIO, 1986, p. 19

absolutamente absurda, que não tem pé nem cabeça econômica no mundo de hoje”, o jornalista não era apenas um neoliberal que pedia uma constituição economicamente liberal sem a presença do Estado garantindo direitos sociais ou renda mínima, mas também um conservador, que via com receio a ascensão das massas ao novo processo democrático brasileiro, desejoso no fundo de ver conservado o poder das elites. O horror de Francis a políticos como Ulysses Guimarães e Luiz Inácio Lula da Silva, se dava porque estes representavam cada um à sua maneira, justamente esta ascensão. Tendo apoiado Fernando Collor nas eleições de 1989 – ou seja, na primeira eleição direta após o término da ditadura militar – e “malhado” Lula de todas as maneiras, por quem sentia “certo asco”¹⁹³ Francis chegou a justificar a sua escolha por Collor por este candidato ser “alto, bonito e branco, branco ocidental”.¹⁹⁴

Por fim resta dizer que também havia no jornalista Paulo Francis um horror à democratização da cultura e um forte saudosismo de uma época cultural anterior. Como bem notou Piza (2004) o jornalista foi um comentarista que via “uma decadência cultural no mundo”.¹⁹⁵ Para Francis, os séculos anteriores teriam sido em termos de produção cultural, artística e filosófica, em muito, superiores ao século XX. Este ponto é muito repetido em vários momentos pelo jornalista em suas colunas tanto na *Folha de São Paulo* quanto no *O Estado de São Paulo*. Assim escreveu o jornalista:

No início do século (XX) quando Ruy Barbosa entediava os participantes da Conferência de Haia, falando com sotaque baiano mais de vinte línguas, *things were cooking* em Paris, “as coisas ferviam”, como talvez nunca dantes, a não ser na Renascença, de Petrarca e Leonardo, e talvez nunca mais. Considerem que se conheciam e se frequentavam Picasso, Cézanne, Matisse, Braque; recebidos em *salon* por Gertrude Stein e seus talentosos irmãos Leo e Michael; que Proust e Joyce se encontraram uma vez, Joyce reclamando da vista e Proust do estômago. (FRANCIS, OESP, 3.03.1991)

[...] Os bons escritores todos têm mais de cinquenta anos, não há mais bailarinos como Nureyev, cantoras como

¹⁹³ Na entrevista ao programa Roda Vida da TV Cultura de 1994 Francis afirmou: “[...] o Lula não tem competência para dirigir. [...] Ele não tem condição nem para ser torneiro mecânico. Ele perdeu um dedo.” (PAULO FRANCIS EM..., 1994. Disponível em:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/35/francis/entrevistados/paulo_francis_1994.htm.

Acesso em: 20 de março de 2017)

¹⁹⁴ FRANCIS. *Diário da Corte*. FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de janeiro de 1990

¹⁹⁵ PIZA, 2004, p. 99

Nilsson e Callas, os dramaturgos que ainda sobrevivem são também coroas, cinema cessou de ser levado a sério como possibilidade, como sétima arte, exceto nos subúrbios mundiais, música, à parte a pancadaria pop, se encolheu na esterilidade dodecafônica, e por aí vai. (FRANCIS, OESP, 22.01,1995)

A seguir mostrarei como nos últimos quatro meses de vida, enquanto vivia a iminência de ser processado pelos diretores da Petrobrás, Paulo Francis deu algumas mostras da sua adesão à corrente conservadora neoliberal de Friedrich Hayek.

3.3 A polêmica com os diretores da Petrobrás

O jornalista Paulo Francis foi colunista no jornal *Folha de São Paulo* durante 15 anos de sua carreira, de 1975 a 1990. Após o seu desentendimento e desgaste público com o *ombudsman* Caio Túlio Costa, que criticara uma chamada de capa que tendenciosamente, em sua visão, favoreceria Collor em detrimento da imagem de Lula (como já foi melhor exposto no capítulo 1), e uma certa incompatibilidade com a direção da *Folha* Francis acaba aceitando:

o convite do rival *O Estado de São Paulo* e o “Diário da Corte” muda de endereço a partir de dezembro de 1990. [...] A mudança foi fruto de longas negociações que se arrastaram por quase um ano e envolverem até o diretor-responsável Júlio de Mesquita Neto. [...] Grande alarde foi feito pelo Estadão da sua nova contratação e até o suposto salário acabou vazando pela imprensa: por volta de US\$ 15 mil. [...] Na época sob a direção de Augusto Nunes, o diário tentava recuperar o terreno perdido nos anos 1980 quando uma profunda reforma fez da *Folha* o maior jornal do país em tiragem (média de 350 mil exemplares em dias úteis, contra 210 mil do Estadão). [...] A reforma de 1989/90 arejou como nunca o jornal. Visões plurais passaram a frequentar as páginas de opinião, o noticiário libertou-se da sombra da página 3, endereço dos bem redigidos editoriais. [...] Francis desembarcava numa redação em plena efervescência. E ajudou a animar ainda mais esse ambiente. (NOGUEIRA, 2010, p. 60)

Na primeira página do *Caderno 2* da edição de 22 de dezembro de 1990 José Onofre, amigo e crítico positivo dos romances “Cabeça” de Francis, anuncia a chegada do novo colunista: “O jornalista mais polêmico do Brasil, um mestre da firmeza, da ironia e da franqueza, começa a publicar suas colunas todas as quintas e domingos nas páginas do *Caderno 2*”.¹⁹⁶ Em seguida o jornalista Ruy Castro esboça em algumas linhas o perfil jornalístico de Francis, a quem elogia e admira.

Durante o período de 1990 até 1997 o “Diário da Corte” no jornal *O Estado de São Paulo* foi uma coluna de página inteira, com o nome Paulo Francis em grande destaque, temas misturados de política e cultura e ilustrações do artista plástico brasileiro Tide Hellmeister.

Dentro do OESP Francis continua a construção do seu personagem de jornalista polêmico e ainda participa de duas contendas, uma com o “ex-amigo Antonio Houaiss”¹⁹⁷ e outra com “os sete diretores da Petrobrás, liderados pelo então presidente, Joel Rennó”¹⁹⁸.

A polêmica com os diretores da Petrobrás tem início no final de outubro de 1996 quando Francis sem aviso prévio, no programa *Manhattan Connection* do canal de TV pago GNT, acusa a diretoria da Petrobras de fazer parte de um esquema de desvio de recursos, mantendo contas em paraísos fiscais. Segundo o também jornalista Lucas Mendes que dividia com Francis a mesa de jornalistas que compunham o programa juntamente com Caio Blinder e Nelson Motta – a denúncia foi feita como transcrito a seguir:

Francis: - Os diretores da Petrobras todos põem o dinheiro lá...(Suíça) tem conta de 60 milhões de dólares...

Lucas: - Olha que isso vai dar processo...

Francis: - É...um amigo meu advogado almoçou com um banqueiro suíço e eles falaram que bom mesmo é brasileiro (...) que coloca 50 milhões de dólares e deixa lá.

Lucas: - Os diretores da Petrobras tem 50 milhões de dólares?

Francis: - Ahh é claro... imaginem... roubam... superfaturamento...é a maior quadrilha que já existiu no Brasil. (MENDES, 2014. Disponível em:

¹⁹⁶ ONOFRE. *Francis estreia amanhã no Estadão*. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, 22 de dezembro de 1990

¹⁹⁷ PETRIK, 2006, p. 71. Antônio Houaiss foi um “filólogo, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras”. Memória Roda Vida – Disponível em:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/458/entrevistados/antonio_houaiss_1990.htm

¹⁹⁸ BASSO, 2014. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/justica-paulo-francis-ainda-que-tardia-21469/>

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128_lucas_francis_petrobras).

Na imprensa escrita a polêmica tem início no “Diário da Corte” de 05 de dezembro de 1996 em que Francis inicia seu texto da seguinte maneira:

Diretores da Petrobrás me processam por US\$ 100 milhões. Devem achar que tenho acesso irrestrito ao Tesouro, como eles. Os US\$ 100 milhões em soam como o 13º dos diretores da empresa. [...] É evidente que toquei num nervo da Petrossauro. Mais evidente que querem me intimidar. Waal, começam as investigações. Fiquem sintonizados neste espaço. (FRANCIS, OESP, 05.12.1996)

Em seguida na mesma coluna, com o subtítulo *Liberdade, Liberdade* prossegue sobre o assunto defendendo uma das premissas mais básicas do credo liberal, a liberdade de expressão:

É o maior assalto perpetrado à liberdade de imprensa no Brasil. Se o processo seguir o curso previsto, ficarei arruinado e teria, no mínimo, meus bens tomados pela Justiça. O objetivo do processo é calar minhas críticas a Petrobrás. *Manhattan Connection* é um programa muito visto no Brasil. Por que não sou processado no Brasil? Meus ataques não difamam diretores da Petrobrás juntos aos brasileiros? Por quê? Só há uma hipótese. Os diretores tem consciência de que a maioria das pessoas proteinizadas no Brasil concorda com minhas opiniões, e sentem que seria inútil convencê-las do contrário. (FRANCIS, OESP, 29.12.1996)

De fato Francis vinha fazendo verdadeira campanha contra a Petrobrás havia algum tempo. A partir de 1992, do ex-ministro Roberto Campos apropriou-se “da expressão irônica, ‘Petrossauro’¹⁹⁹, e passou a defender reiteradamente a privatização da empresa juntamente com a abertura (ele usa muito o termo prospecção) do mercado brasileiro e de outras estatais como a Vale do Rio Doce. O economista Roberto Campos²⁰⁰ nesta época “tornar-se-ia quase uma espécie de

¹⁹⁹ PETRIK, 2006, p. 72

²⁰⁰ Campos também estava fazendo basicamente a mesma coisa que Francis, falava muito mal da Petrobras e desmoraliza a empresa por completo no período como ser visto nas suas colunas no período no OESP.

guru para Francis que o referenciava para pautar diversos temas relacionados à economia²⁰¹”. Podemos considerar o economista e ex-ministro do planejamento no governo Castelo Branco um ex-desafeto de Francis (como já foi mostrado no capítulo 1) e uma referência importante com quem Francis irá dialogar bastante na década de 1990 e assim possivelmente tomando contato com alguns princípios da economia de mercado, compartilhando com o mesmo o colonismo do OESP.

Citando declarações do amigo Sérgio Augusto, o biógrafo Paulo Eduardo Nogueira (2010) lembra também que não se pode negligenciar “a importância do convívio do Francis, a partir desta época, com um círculo de ricos conservadores, gente como Delfim Netto e o banqueiro²⁰² Ronald Levinsohn.”²⁰³

Dentro da perspectiva adotada a defesa de Francis pelas privatizações das estatais brasileiras, principalmente da Petrobrás, ou seja, o seu anti-estatismo estavam em extrema consonância com as ideias do neoliberalismo “hayekiano” que “recomenda um papel mínimo para o Estado”.²⁰⁴ Em 1994 Francis afirma em entrevista para o programa *Roda Viva* da TV Cultura:

Todo o país do mundo está se privatizando, a economia está (...) Eu, quando estava lendo, não me lembro, é até ironia, eu estava lendo as últimas da URV [Unidade Real de Valor] e não sei o quê, no *Financial Times*, um jornal inglês, que cuida muito do Brasil, estava uma página de anúncio da Hungria vendendo todas as estatais. Agora, o Brasil não adianta. O governo toma dinheiro, as pessoas ainda não compreendem isso, no Brasil. O governo toma dinheiro a 54% ao mês, juros inacreditáveis, embora 90 a 80% seja de inflação, é para manter essa máquina estatal falida e cronicamente deficitária e insolúvel que não há maneira. Eu, por exemplo, conheci intimamente alguns diretores da Petrobrás. Não há maneira possível da Petrobrás dar lucro, não há maneira possível porque o óleo explorado, existe o óleo no Brasil que, se explorado, com os preços atuais do mercado, a exploração custaria três vezes o que eles poderiam vender no óleo. E por aí vão as estatais todas. Mas, enfim, isso é um assunto imenso. (PAULO FRANCIS EM..., 1994. Disponível em:

²⁰¹ BATISTA, 2015, p. 210

²⁰² Em vídeo disponibilizado pela revista *Veja* o jornalista Lauro Jardim (Lauro Jardim afirma..., 2014) afirmou que a fonte de Francis no caso da Petrobrás era justamente o banqueiro Ronald Levinsohn e que o mesmo faria um depoimento no programa *Manhattan Connection* contando a respeito do episódio. Porém o banqueiro que ficou conhecido no Brasil nos anos 1980 pelo “rombo financeiro da caderneta Delfim, a maior caderneta de poupança no país a época, da qual administrava” (BATISTA, 2015, p, 253), que era amigo de Paulo Francis e inclusive chegou a cuidar do seu patrimônio, desistiu dias antes de falar em público sobre a polêmica.

²⁰³ NOGUEIRA, 2010, p. 98.

²⁰⁴ MERQUIOR, 1991, p. 218

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/35/francis/entrevistados/paulo_francis_1994.htm)

O jornalista Paulo Francis além de defender uma presença mínima do Estado e o fim de todas as estatais brasileiras como exposto no trecho acima, também “julgava a justiça social um conceito desprovido de significação”.²⁰⁵ Este ponto fica mais claro no trecho a seguir em que as noções de igualdade e meritocracia neoliberais do jornalista também se fazem aparecer:

Mogadon²⁰⁶ tem um estudo-discurso sobre imposto de renda negativo e garantia de renda mínima para os destituídos. [...] Junto recebo um livro chamado *Real freedom for all* de Phillip Van Parijs²⁰⁷ – catedrático de economia e ética da Universidade Católica de Louvain. Há coisas no livro que raramente são vistas no Brasil, uma consideração das ideias sociais de Jonh Rawls e Ronald Dworkin, por exemplo. Mas é a velha história de sempre. Van Parijs é contra o socialismo coercitivo, mas quer um mínimo de renda a quem não consegue sobreviver no mercado. O problema é que este mínimo, se imposto em economias subdesenvolvidas só pode ser imposto coercitivamente. Seus efeitos são invariavelmente o oposto do pretendido. Se queres um monumento olha o INSS. (FRANCIS, OESP, 12.12.1996)

Nas frases acima “seus efeitos são invariavelmente o oposto do pretendido. Se queres um monumento olha o INSS”, temos um argumento reacionário e perverso de Francis tal como definido por Hirschman (1992) e já comentado mais acima, em que a ação pretendida levará a resultados opostos aos desejados. Além disto, quando Francis afirma “que este mínimo (de renda), se imposto em economias subdesenvolvidas só pode ser imposto coercitivamente”, está fazendo uso de mais um argumento reacionário, neste caso, aquele que Hirschman (1992) chama de “tese da ameaça” onde se “assevera que a mudança proposta ainda que talvez desejável em si, acarreta custos ou consequências inaceitáveis de um ou outro tipo”²⁰⁸. Em outras palavras uma nova conquista – que no caso seria a renda mínima, mas também poderia ser a ampliação dos direitos sociais – estaria

²⁰⁵ MERQUIOR, 1991, p. 218

²⁰⁶ Apelido dado por Francis para o então senador Eduardo Suplicy.

²⁰⁷ Philippe Van Parijs é um filósofo e economista político belga, conhecido como proponente e principal defensor do conceito da renda mínima. (Fonte: Wikipedia)

²⁰⁸ HIRSCHMANN, 1992, p. 73

destruindo ou acarretando a supressão de uma conquista mais antiga – no caso a liberdade.

CONCLUSÃO

No final de sua carreira Paulo Francis contabilizara um espaço único no jornalismo brasileiro. Possuía uma coluna inteira só para si no *Estado de São Paulo*, onde versava sobre temas de cultura e política aparentemente com total liberdade. Seu patrimônio particular acumulara-se em torno de “3 milhões de dólares”²⁰⁹, e era provavelmente um dos jornalistas mais bem pagos da imprensa nacional. Tendo vivido intensamente as décadas de 1950-70 no Brasil, e depois as décadas de 1980-90 em Nova York, – então centro mundial do conservadorismo neoliberal – acompanhou as principais transformações pelas quais o jornalismo, o Brasil e o mundo passaram. No Brasil, dentro do jornalismo, acompanhou a transição do texto de opinião, de influência europeia, para a predominância do texto que privilegia a notícia e a informação objetiva e imparcial, de influência norte-americana, embora Francis tenha desde sempre escrito um texto extremamente opinativo e pouquíssimo preocupado com a averiguação dos fatos. Viveu os anos “dourados” na década de 1950 e a intensa atividade cultural e intelectual resultante do curto período democrático entre o fim do Estado Novo até o golpe militar de 1964, além da modernização e “industrialização” do jornalismo, que se tornou um campo independente e autônomo em relação ao campo literário. Também vivenciou a Guerra Fria, a consolidação da hegemonia americana em todo mundo, o fim do socialismo real com a queda do muro de Berlim.

No Brasil sempre esteve à frente das principais publicações e periódicos, não hegemônicos no início da carreira, e depois inseridos na grande mídia nacional, que após a morte de Assis Chateaubriand, passou a ser dominada por cinco famílias até os dias de hoje. Em São Paulo pela família Mesquita proprietária do grupo OESP e a família Frias proprietária do *Grupo Folha* que publica a *Folha de São Paulo*, no Rio pela família Marinho proprietária do jornal *O Globo* e pela “família Nascimento Brito proprietária do *Jornal do Brasil*, e ainda no Sul, a família Caldas Júnior. A configuração regional e as rivalidades duas a duas reproduzem a formação oligárquica oriunda do domínio agrário”.²¹⁰

²⁰⁹BATISTA, 2015a, p.23

²¹⁰KUCINSKI, 1991, p. 23

Em outras palavras, um ponto positivo em sua carreira e talvez inegável foi ter estado à frente das melhores e mais importantes inovações jornalísticas do país enquanto foi crítico cultural do jornal *Diário Carioca* – um jornal pioneiro no uso de modernizações gráficas –, e editor assistente da *Revista Senhor* – segundo Kucinski (2000) “a melhor revista de cultura já produzida no Brasil, [...] na qual escreviam os melhores jornalistas e ficcionistas da época” –, também quando um pouco mais tarde escreveu sua coluna de política no jornal *Ultima Hora*– outro jornal importantíssimo para as transformações ocorridas no campo jornalístico e político no Brasil da década de 1960, quando fez parte do pequeno “oásis” de crítica a ditadura no *Correio da Manhã* e depois ao participar da co-fundação do jornal alternativo de humor *O Pasquim*, quando foi editor da *Revista Civilização Brasileira* e finalmente quando fez parte da modernização do jornal *Folha de São Paulo* a convite do jornalista Cláudio Abramo, que fez daquele jornal um dos maiores e mais influentes do Brasil.

O jornalista tornou-se uma figura extremamente conhecida e por isso muito vulgarizada e caricata. A partir da década de 1980, começou a fazer parte do jornalismo da TV Globo, primeiro em aparições curtas nos telejornais (posto ocupado posteriormente à sua morte por Arnaldo Jabor) e depois como a atração principal do programa *Manhattan Connection*, o que lhe rendeu projeção nacional. Na TV, dá início ao seu jeito singular de falar que seria muito imitado por humoristas brasileiros. A seu respeito encontramos opiniões que vão de um extremo a outro, porém para esta pesquisa priorizei os trabalhos acadêmicos que, inclusive, divergem bastante entre si como tentei mostrar na introdução, ainda que de maneira bem pouco crítica.

Inicialmente a minha principal preocupação era trazer para esta pesquisa um ponto ainda inédito, o que acredito ter atingido de certa maneira com a questão demarcada do conservadorismo, ponto que foi brevemente trabalhado por Batista (2015). O jornalista passou por diferentes fases de acordo com as mudanças históricas que acompanhou, entretanto, ao que tudo indica, o conservadorismo-liberal como algo que tem uma origem remota em Edmund Burke, foi uma constante em suas ideias, ainda que de maneira não plenamente confessada e nem sempre clara. No capítulo 2, a polêmica com a atriz Tônia Carrero, mostra que já em finais dos anos 1950, quando ainda era considerado um jornalista de esquerda, e mesmo

estando à frente de um importante movimento de renovação e modernização do teatro brasileiro, Paulo Francis se portou de maneira extremamente conservadora em torno da problematização de gênero e do contrato sexual como trazidos, respectivamente, por Bourdieu (2002a) e Carole Pateman (1993).

O objetivo principal do trabalho foi trazer o conservadorismo-liberal muito específico do jornalista Paulo Francis e a maneira como recebendo influências teóricas as mais diversas o mesmo adaptou um determinado tipo de discurso conservador à sua visão particular de mundo também liberal. Pretendo levar principalmente este ponto adiante num futuro próximo, tentando complexificá-lo ainda mais.

Ao que tudo indica Paulo Francis portava um tipo de conservadorismo que via com desconfiança a presença das massas na democracia e na cultura, mesclado a algumas defesas “liberais-clássicas” em temas como liberdade e religião, e “neoliberais” em temas como defesa da propriedade privada e o livre-mercado, de maneira pragmática, cética e oportuna, extremamente contrário à presença da burocracia e do Estado, da implementação ou garantia por este último, sobretudo, dos chamados direitos sociais e também da invasão deste da esfera da liberdade individual. Neste sentido, o desejo de Francis sobretudo a partir da década de 1990 era conservar os poder das elites.

Nos séculos XIX e XX o liberalismo sofre uma inflexão conservadora em torno do conceito de democracia e depois, em torno dos direitos sociais promulgados pelo *Welfare State*, como trazido, respectivamente, por Thaís Aguiar (2011) e Hirschmann (1992). Inflexão conservadora da qual também fez parte a “escola” neoliberal de Hayek e Mises, pois que a primeira vez que a Sociedade *Mont Pelerin* se reuniu para definir os contornos daquela nova ideologia foi ainda no ano de 1947, como nos mostra George Monbiot (2016), jornalista do jornal britânico *The Guardian*. Alguns anos antes, segundo Robert Nisbet (1987), o renascimento conservador americano tem início justamente quando da publicação de *Road to Serfdom* (Caminho da Servidão) de Frederick Hayek em 1944, chegando ao seu ápice na década de 1980 com a eleição presidencial de Ronald Reagan. Para Merquior o que Hayek fez foi “uma crítica contundente dos sonhos igualitários repudiando a democracia majoritária”.²¹¹

²¹¹ MERQUIOR, 1981.

Por fim resta dizer que no Brasil, a elaboração da Constituição de 1988, a “Constituição Cidadã” que alargou principalmente os direitos sociais, coincide, segundo Lidiane Friderichs (2016), com o momento de ampliação das ideias neoliberais por aqui. Através, principalmente, segundo esta autora, de dois institutos, o *Instituto de Estudos Empresarias* e o *Instituto Liberal*, a direita se reorganiza em torno deste novo paradigma ideológico com vistas a impedir que projetos de esquerda tomassem à frente no processo de redemocratização. Paulo Francis, que ao se transferir para Nova York em meados da década de 1970, tomou parte do processo de renascimento do pensamento conservador e neoconservador americano, coloca-se, no Brasil em finais da década de 1980 como uma voz conservadora-liberal contrária à implantação da Constituinte e de suas consequências no alargamento dos direitos democráticos, sobretudo dos direitos sociais que implicam para sua efetivação uma maior intervenção estatal. E mais intervenção estatal é justamente aquilo que Francis, apoiando e disseminando em partes a cartilha dos neoliberais “hayekianos”, não desejava de maneira alguma.

REFERÊNCIAS

Artigos e entrevistas em jornais, revistas *on line*, sites e blogs

Associação Brasileira de Imprensa
Disponível em: <http://www.abi.org.br/>

ALMEIDA, Marco Rodrigo. *Merquior o reformista combativo*. In: **ILUSTRÍSSIMA**, 23 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671785-merquior-o-conformista-combativo.shtml>. Acesso em: 13 de janeiro de 2017

BELÉM, Euler de França. *José Guilherme Merquior volta às livrarias*. In: **JORNAL OPÇÃO**, 2010. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/jose-guilherme-merquior-volta-as-livrarias>. Acesso em: 13 de janeiro de 2017

Biblioteca do Centro de Cultura e memória do jornalismo
Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/biblioteca?page=3>

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV
Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/>

GARCIA, Leandro. *Harmonia na diferença: a correspondência entre Paulo Francis e Alceu Amoroso Lima*. In: CULTURA, Jornal **O Globo**, 17 de dezembro de 2016. Acesso em: 14 de março de 2017. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/harmonia-na-diferenca-correspondencia-entre-paulo-francis-alceu-amoroso-lima-20660785>. Acesso em: 19 de março de 2017

FRANCIS, Paulo. **Memória Roda Viva** – Entrevista concedida em 30 de outubro de 1994. Acesso em: 15 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/35/francis/entrevistados/paulo_francis_1994.htm.

HAYEK, Friedrich A. *Por que não sou conservador*. In: **MISES BRASIL** (INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL), 2016. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>. Acesso em: 23 de maio de 2017

MENDES, Lucas. *Francis e o Petrolinho*. In: **BBC**, Brasil. 20 de novembro de 2014. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128_lucas_francis_petrobras. Acesso em: 26 de janeiro de 2017.

MONBIOT, George. *Para compreender o neoliberalismo além dos clichês*. In: **OUTRAS PALAVRAS.NET**. 23 de abril de 2016. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/para-compreender-o-neoliberalismo-alem-dos-cliches/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017

PESSOA, Eudes Andre. *A Constituição Federal e os Direitos Sociais Básicos ao Cidadão Brasileiro*. IN: **AMBITO JURÍDICO**, Rio Grande, 06 de Junho de 2017. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9623. Acesso em: 06 de junho de 2017.

PREECE, Rod. *The Political Economy of Edmund Burke*. IN: **MODERN AGE: a conservative review**. Summer 1980 - Vol. 24, No. 3. Disponível em: https://isistatic.org/journal-archive/ma/24_03/preece.pdf. Acesso em: 05 de junho de 2017

Biografias e livros inteiros sobre Paulo Francis

JORGE, Fernando. *Vida e obra do plagiário Paulo Francis*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

MOURA, George. *Paulo Francis: O soldado Fanfarrão*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996

NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Paulo Francis: polemista profissional*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

PIZA, Daniel. *Paulo Francis: brasil na cabeça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

Coletâneas de textos de Francis publicados por outros autores

AUGUSTO, Sérgio. O pingente que deu certo. In: AUGUSTO, Sérgio & Jaguar (Org.). *O melhor do Pasquim: antologia 1969-1971*. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.

PIZA, Daniel. (Org.). FRANCIS, Paulo. *Waaal: o dicionário da corte de Paulo Francis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

SÁ, Nelson de. (Org.). *Diário da Corte: crônicas do maior polemista da imprensa Brasileira*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

Fontes – Periódicos

Folha de São Paulo – São Paulo – Edições esporádicas entre 1977-1990

Jornal do Brasil – Rio de Janeiro – Edições de 1970-1979 e 1980-1989

O Estado de São Paulo – São Paulo – Edições de 1990-1997

Livros e textos escritos por Paulo Francis

- FRANCIS, Paulo. *Cabeça de Negro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- _____. *O afeto que se encerra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *O Brasil no Mundo: uma análise política do autoritarismo desde as suas origens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985
- _____. *Trinta anos esta noite: o que vi e vivi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Paulo Francis: uma coletânea de seus melhores textos já publicados*. São Paulo: Editora Três, 2006
- _____. O guerreiro Roberto Campos. In: SÁ, Nelson (Org.). *Diário da Corte: crônicas do maior polemista da imprensa brasileira*. São Paulo: Três Estrelas, 2012

Referencias Audiovisuais

- ESPECIAL Paulo Francis. In: **ARQUIVO N**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h2I_81NaTx8. Acesso em: outubro de 2016
- CAETANO VELOSO puto 4 - Detonando Paulo Francis! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JB45FCApJ9A>. Acesso em: 04 de outubro de 2016.
- CARO FRANCIS. Documentário. Direção: Nelson Hoineff. Brasil. 2010, 98 min, DVD. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gFkjXE5nHNQ> Acesso em 24 de set. 20114
- ESPECIAL Paulo Francis **GNT – 1997**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ed96uH2fFzM>. Acesso em: março de 2016
- LAURO JARDIM revela fonte de Paulo Francis. In: **GIRO VEJA.COM**, 11 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ckgNWA746lg&feature=youtu.be>. Acesso em: 30 de janeiro de 2017
- MICK JAGGER e Caetano Veloso com Roberto Dávila – 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bnMizgYbYuQ>. Acesso em: outubro de 2016
- PAULO FRANCIS em entrevista para o Programa Roda Viva – 1994 – Quando do lançamento de “Trinta anos esta noite” (Completo)
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t-NreYrHjEo>. Acesso em: 18 de agosto de 2015
- PAULO FRANCIS em entrevista para o Programa Roda Viva – 1996 – Quando do lançamento de “Waaal” (Completo)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GRFA9BYnC88>. Acesso em: 18 de agosto de 2015

PAULO FRANCIS e seu amor aos gatos (**Caro Francis, GNT, 07-2012**). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAJbR4uheVg>. Acesso em: 04 de outubro de 2016.

PAULO FRANCIS no programa *Manhattan Connection* a respeito da Petrobrás – 1996 – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AtDCTUNBcqA>. Acesso em: outubro de 2016

Referências citadas diretamente

ABRAMO, Cláudio. *A regra do Jogo: o jornalismo e ética do marceneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ABREU; Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa. Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a

CANDIOTTO, Cesar. Neoliberalismo e Democracia. *PRINCÍPIOS – Revista de Filosofia*, Natal (RN), v. 19, n. 32, jul/dez. 2012, p. 153-179

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O lugar (e em lugar) do método*. Série Antropologia, 190. Brasília, 14 p. 1995

CHAMMAS, Eduardo Zayat. *O Correio da Manhã no golpe de 1964: impasses e dilemas na relação com os militares*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011

FRIDERICHS, Lidiane Elizabete. *A importância dos Think Thanks para a divulgação do neoliberalismo no Brasil*. **FACES DE CLIO** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF, v. 2, n. 4, jul/dez. 2016.

GONÇALVES, Marcos Augusto (Org.). *Pós-tudo: 50 anos de cultura na Ilustrada*. São Paulo: Publifolha, 2008

HIRSCHMAN, Albert O. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade e ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. *Conceito e história do Jornalismo brasileiro na "Revista de Comunicação"* [recurso eletrônico] Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 86 p. – (Coleção NUPECC ; 2)

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 1º ed. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1991

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

MARCHIORI NETO, Daniel; FERRI, Lena Caroline. *Uma teoria conservadora de democracia? Aportes para um diálogo entre Michael Oakeshott e Joseph Schumpeter*. IN: **DIREITO, ESTADO E SOCIEDADE**, n.46 , p. 101 a 120, jan/jun, 2015

MERQUIOR, José Guilherme. *O liberalismo: antigo e moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

NISBET, Robert. *O conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987

OAKESHOTT, Michael. *Ser Conservador*. Lisboa: Gabinete de Estudos Gonçalo Begonha, 2014.

OLIVEIRA, Carlindo Rodrigues de; OLIVEIRA, Regina Coeli de. *Direitos sociais na constituição cidadã: um balanço de 21 anos*. **SERV. SOC**, São Paulo, n. 105, p. 5-29, jan./mar. 2011

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

PINTO, Ricardo Leite. *Uma introdução ao neorepublicanismo*. **ANÁLISE SOCIAL**, vol. XXXVI (158159), 2001, p. 461-485.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que Falam - Ensaios sobre Epistolografia*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2016.

VICENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. A práxis liberal no Brasil. In: *Décadas de espanto e uma apologia democrática*. Rio de Janeiro: Rocco,

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. *Edmund Burke e a gênese do conservadorismo*. In: **SERV. SOC.**, São Paulo, n. 126, p. 360-377, maio/ago. 2016

Referências não citadas diretamente

ADORNO, Theodor W. O Ensaio como forma. In: _____. *Notas de literatura I*, Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

BASTOS, Rugai Elide; BOTELHO, André. Para uma Sociologia dos Intelectuais. DADOS – *Revista de ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 4, 2010, p. 889-919

BASSO, Eliane Fátima Corti. *Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar que dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

_____. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b

_____. A gênese dos conceitos de *Habitus* e de *Campo*. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006

_____. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 9º Ed., 2006, p.13-25

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

FAORO, Raymundo. Existe um pensamento político brasileiro. São Paulo: Ática, 1994.

JALLES DE PAULA, Christiane. Gustavo Corção: apóstolo da 'linha-dura'. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 171-194 – 2012

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Global, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. *Esquerdas, política e cultura no Brasil (1950-1970): um balanço historiográfico*. Rev. Inst. Estud. Bras., São Paulo, n. 58, p. 33-50, jun. 2014

_____. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998

MANNHEIM, Karl. O problema da "Intelligentsia": um estudo do seu papel no passado e no presente. In: _____. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. *Os caminhos do Profeta: a autobiografia de Samuel Wainer em Minha razão de viver*. Anos 90, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p.111-126, dez. 2007a.

MICELI, Sérgio. Intelectuais brasileiros. In: _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 371-400.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Por uma história política. Organização: René Rémond. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SEBASTIAO, Velasco e Cruz; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.) *Direita, volver! : o retorno da direita e o ciclo político Brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política. 1964-1969. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, [1978?]

Teses, dissertações e artigos de livros sobre Paulo Francis

ARRIGUCCI Jr., Davi. Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente. In: _____. *Outros achados e perdidos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999

BÍSSON, Carlos Augusto. Polemistas e intelectuais carmudgeons: Karl Krauss e Paulo Francis. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). *Cultura midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BUZAHR FILHO, Antônio. *O mal menor: "Antiestatismo" e mercados livres em Paulo Francis*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: SP, 2002

BATISTA, Alexandre Blankl. *Do trotskismo ao ultraliberalismo: a trajetória de Paulo Francis na imprensa brasileira (1962-1997)*. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre: RS, 2015

_____. A hegemonia ultraliberal no Brasil e o discurso privatista de Paulo Francis no jornal *O Estado de São Paulo* (1991-1997). In: MARX E O MARXISMO (NIEP): Insurreições, passado e presente, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015a, p. 1-17

_____. A trajetória de Paulo Francis na imprensa brasileira: da *Última Hora* até *O Estado de São Paulo*. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: lugares dos historiadores, velhos e novos desafios, 27 a 31 de julho de 2015 b. Anais... Florianópolis, p. 1-11

_____. Notas sobre a atuação de Paulo Francis no jornal *Folha de São Paulo* (1975-1990). In: COMUNICAÇÃO & MERCADO, n. 02 - edição especial, vol. 01, nov. 2012, Dourados: UNIGRAN, 2012, p. 46-55

COSTA, Caio Túlio. O salmão e a sardinha: sobre Paulo Francis – um ficcionista de imprensa. In: _____. *Ombudsman: o relógio de Pascal*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

FISCHER, Luís Augusto. Inteligência em ação; O legado Paulo Francis. In: _____. *Para fazer diferença*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1998

FONSECA, Alexandre Torres. *Paulo Francis, do teatro à política: "Perdoa-me por me traíres"*. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001

KUCINSKI, Bernardo. O método Paulo Francis. In: CHIAPPINI, Ligia. DIMAS, Antonio. ZILLY, Berthold (Orgs.) *Brasil, país do passado?* São Paulo Edusp: Boitempo, p. 276-285, 2000. Disponível em: http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=407. Acessado em: março de 2016

LANIUS, Eduardo de Oliveira. *O profeta desacreditado: uma leitura do projeto ficcional de Paulo Francis*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) Programa de Pós-Graduação em Letras de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARTINS, Wilson. A biblioteca ideal. In: **Pontos de Vista**. V. 11, São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1995
_____. Romance de intelectual e situação do romance. In: **Pontos de vista**, v. 10, São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1995

MERQUIOR, José Guilherme. Crítico à vista; Com a imaginação da liberdade. In: _____. *As ideias e as formas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981

OLIVEIRA, Franklin de. Cabeça de Negro. In: **IstoÉ**, nº 136, 1º de agosto de 1979
_____. O estouro da memorialística brasileira. In: **Leia Livros**, nº 29, outubro de 1980

ONOFRE, José. As duas cabeças do romance de Francis. *Oitenta*, Porto Alegre: L&PM, n. 1, p. 253-265, 1979

PETRIK, Manuel. O Duelo Verbal: um estudo sobre o polemista no jornalismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre: RS, 2006

STERZI, Eduardo. A dialética da impiedade: Paulo Francis. *Jornal da Universidade (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 28, 2000.